



CARLOS
DRUMMOND
DE ANDRADE

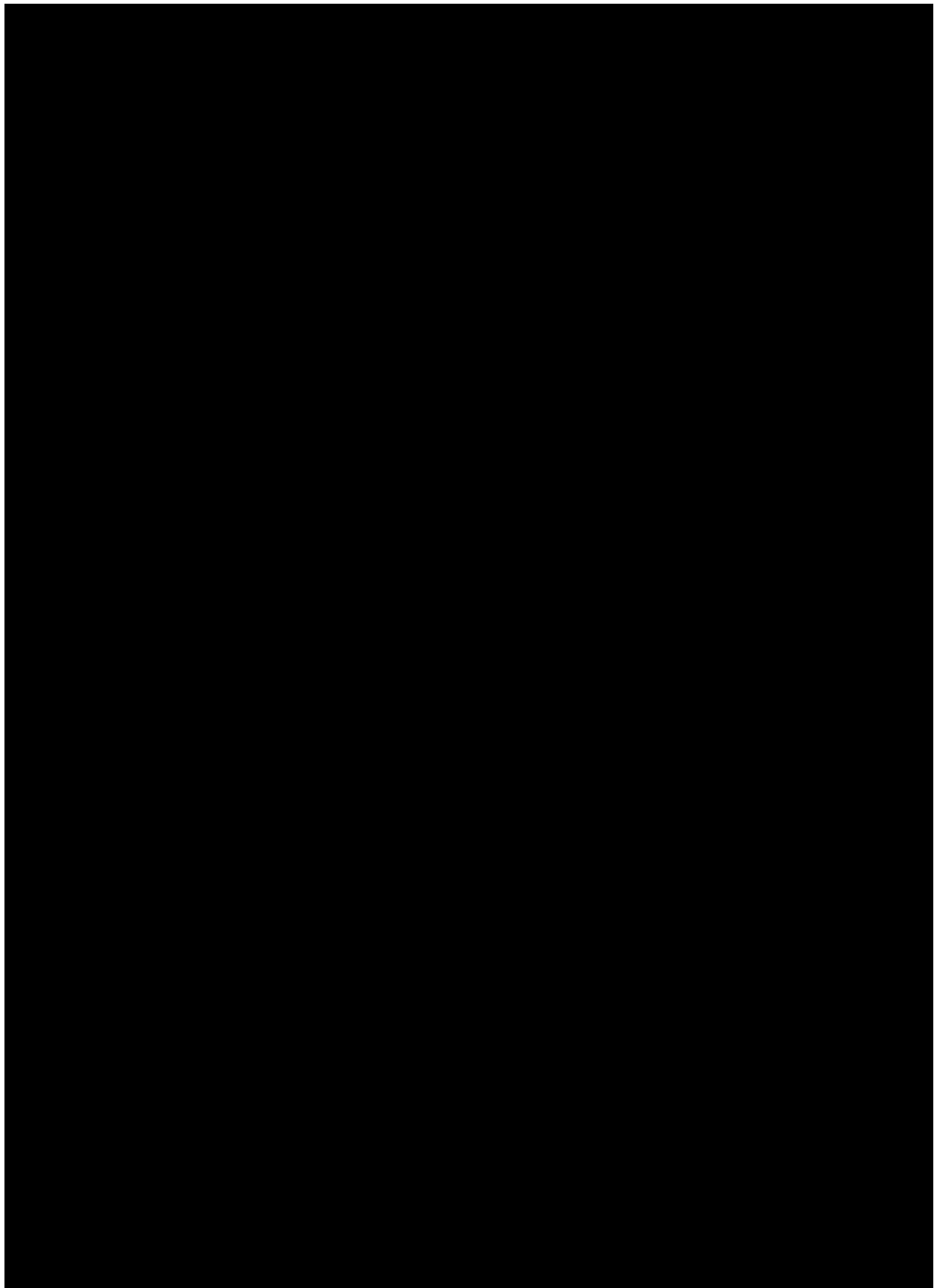
amar se aprende amando





CARLOS
DRUMMOND
DE ANDRADE

amar se aprende amando



AMAR
SE APRENDE AMANDO

CARLOS
DRUMMOND
DE ANDRADE

POSFÁCIO DE
BRUNO GAMBAROTTO

nova edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2024

CONSELHO EDITORIAL

Afonso Borges, Edmilson Caminha, Livia Vianna,
Luis Mauricio Graña Drummond, Pedro Augusto
Graña Drummond, Roberta Machado, Rodrigo
Lacerda e Sônia Machado Jardim

PROJETO GRÁFICO DE CAPA E MIOLO

Leonardo Iaccarino

FIXAÇÃO DE TEXTO

Edmilson Caminha

CRONOLOGIA

José Domingos de Brito (criação) /
Marcela Ramos (checagem)

BIBLIOGRAFIAS

Alexei Bueno

IMAGEM DE CAPA

Laura Dalmau/Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A566a

35. ed.

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987

Amar se aprende amando [recurso eletrônico] / Carlos Drummond de Andrade. – 35. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2024.
recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-92155-0 (recurso eletrônico)

1. Poesia brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

24-88226

CDD: 869.1

CDU: 82-1(81)

Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária – CRB-7/6643

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond

www.carlosdrummond.com.br

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-92155-0

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br



SUMÁRIO

CARTA DE GUIA (?) DE AMANTES

Reconhecimento do amor
Além da terra, além do céu
O tempo passa? Não passa
O mundo é grande
Amor
Seis manequins
Úni dúni têni
Lira do amor romântico
O amor antigo
Epitalâmio
O amor determina
A lamentável história dos namorados

O CONVÍVIO IDEAL

O combate da luz
Fazer 70 anos
O correio de amigos é doçura
O que Alécio vê
Esboço de figura
“A kiss, un baiser, un bacio”
Versos para Ana Cecília do Recife
Sequestro de Guilhermino César
Eu quisera ver o mundo
A festa de Ziraldo
Companheiro
Diante das fotos de Evandro Teixeira
Centenário

Em memória de Alphonsus de Guimaraens
O destino de Edgard Mata
Volto à casa de Helena
Primeiro morto
Reunião em dezembro
Presença de Mira
Odylo, na manhã
Tintim para Luís Martins
O escritor
Alceu, radiante espelho

ALEGRIAS E PENAS POR AÍ

Relatório de maio
Miniversos
Ai dos macacos
Festival em verso
A semana foi assim
As notícias
Lira pedestre
Assanhamento
Em março, esta semana
A bolsa, o bolso
A queda
Praia palma paz
Pré-inverno
Microlira
Nova Rua São José
Textos mínimos
Notícias de janeiro
Carnaval chegando
Esparsos de 1976
Conversa de amigos
Foi-se a Copa?
Conversa com o lixo

Rio em flor de janeiro
Ver e ouvir, sem brincar
Brinquedos para homens
A excitante fila do feijão
A amiga voltou
Liquidação de inverno
Tempo de ipê
Aqui havia uma praça
Salário
O poema da Bahia que não foi escrito
Sonetos heredianos

Posfácio, *por Bruno Gambarotto*
Cronologia: Na época do lançamento (1982-1987)
Bibliografia de Carlos Drummond de Andrade
Bibliografia sobre Carlos Drummond de Andrade (seleta)
Índice de primeiros versos

*“O amor que move o sol,
como as estrelas.”*

*O verso de Dante
é uma verdade resplandecente,
e curvo-me ante a sua magnitude.
Ouso insinuar,
sem pretensão a contribuir
para que se desvende o mistério amoroso:
Amar se aprende amando.
Sem omitir o real cotidiano,
também matéria de poesia.*

CARTA DE GUIA (?) DE AMANTES

RECONHECIMENTO DO AMOR

Amiga, como são desnorteantes
os caminhos da amizade.
Apareceste para ser o ombro suave
onde se reclina a inquietação do forte
(ou que forte se pensava ingenuamente).
Trazias nos olhos pensativos
a bruma da renúncia:
não querias a vida plena,
tinhas o prévio desencanto das uniões para toda a vida,
não pedias nada,
não reclamavas teu quinhão de luz.
E deslizavas em ritmo gratuito de ciranda.

Descansei em ti meu feixe de desencontros
e de encontros funestos.
Queria talvez – sem o perceber, juro –
sadicamente massacrar-te
sob o ferro de culpas e vacilações e angústias que doíam
desde a hora do nascimento,
senão desde o instante da concepção em certo mês perdido na História,
ou mais longe, desde aquele momento intemporal
em que os seres são apenas hipóteses não formuladas
no caos universal.

Como nos enganamos fugindo ao amor!
Como o desconhecemos, talvez com receio de enfrentar
sua espada coruscante, seu formidável
poder de penetrar o sangue e nele imprimir
uma orquídea de fogo e lágrimas.
Entretanto, ele chegou de manso e me envolveu
em doçura e celestes amavios.

Não queimava, não siderava; sorria.
Mal entendi, tonto que fui, esse sorriso.
Feri-me pelas próprias mãos, não pelo amor
que trazias para mim e que teus dedos confirmavam
ao se juntarem aos meus, na infantil procura do Outro,
o Outro que eu me supunha, o Outro que te imaginava,
quando – por esperteza do amor – senti que éramos um só.

Amiga, amada, amada amiga, assim o amor
dissolve o mesquinho desejo de existir em face do mundo
com olhar pervagante e larga ciência das coisas.
Já não defrontamos o mundo: nele nos diluímos,
e a pura essência em que nos transmutamos dispensa
alegorias, circunstâncias, referências temporais,
imaginações oníricas,
o voo do Pássaro Azul, a aurora boreal,
as chaves de ouro dos sonetos e dos castelos medievos,
todas as imposturas da razão e da experiência,
para existir em si e por si,
à revelia de corpos amantes,
pois já nem somos nós, somos o número perfeito:
UM.

Levou tempo, eu sei, para que o Eu renunciasse
à vacuidade de persistir, fixo e solar,
e se confessasse jubilosamente vencido,
até respirar o júbilo maior da integração.
Agora, amada minha para sempre,
nem olhar temos de ver nem ouvidos de captar
a melodia, a paisagem, a transparência da vida,
perdidos que estamos na concha ultramarina de amar.

ALÉM DA TERRA, ALÉM DO CÉU

Além da Terra, além do Céu,
no trampolim do sem-fim das estrelas,
no rastro dos astros,
na magnólia das nebulosas.
Além, muito além do sistema solar,
até onde alcançam o pensamento e o coração,
vamos!
vamos conjugar
o verbo fundamental essencial,
o verbo transcendente, acima das gramáticas
e do medo e da moeda e da política,
o verbo sempreamar,
o verbo pluriamar,
razão de ser e de viver.

O TEMPO PASSA? NÃO PASSA

O tempo passa? Não passa
no abismo do coração.
Lá dentro, perdura a graça
do amor, florindo em canção.

O tempo nos aproxima
cada vez mais, nos reduz
a um só verso e uma rima
de mãos e olhos, na luz.

Não há tempo consumido
nem tempo a economizar.
O tempo é todo vestido
de amor e tempo de amar.

O meu tempo e o teu, amada,
transcendem qualquer medida.
Além do amor, não há nada,
amar é o sumo da vida.

São mitos de calendário
tanto o ontem como o agora,
e o teu aniversário
é um nascer toda hora.

E nosso amor, que brotou
do tempo, não tem idade,
pois só quem ama escutou
o apelo da eternidade.

O MUNDO É GRANDE

O mundo é grande e cabe
nesta janela sobre o mar.

O mar é grande e cabe
na cama e no colchão de amar.

O amor é grande e cabe
no breve espaço de beijar.

AMOR

O ser busca o outro ser, e ao conhecê-lo
acha a razão de ser, já dividido.

São dois em um: amor, sublime selo
que à vida imprime cor, graça e sentido.

*

“Amor” – eu disse – e floriu uma rosa
embalsamando a tarde melodiosa
no canto mais oculto do jardim,
mas seu perfume não chegou a mim.

SEIS MANEQUINS

Ully, Ully, *lullaby*,
vou contigo para a Lua,
luarando vais levando
uma luz leve de linho,
de trigal maduro e lã.
De passagem no Oriente,
Mailu surge de repente
e todos os véus da Ásia,
as arômatas do Egito,
as musicálias hindus
florescem na flor do ar.
Ó Zula, que noite azul
clareia na tua pele
um mistério que escurece
quando tento decifrá-lo?
Já se dilata a pupila
ante a passagem de Mila,
que, se para ou se desfila,
tantaliza a própria argila.
E Nice, que vem da neve
e da pelúcia mais suave,
incenso, anjinho de nave,
cantando na Lua Nova?
Que não me falte Beatriz,
jardim moreno de altura
para me fazer feliz
no meu reino de aventura!

ÚNI DÚNI TÊNI

Úni dúni têni
salamêni.

Balança, meu bem, balança
entre um e outro trapézio.
No verde tom da esperança,
a cor de prata do césio.

Circula o risco no espaço
como sangue nas artérias.
Os saltos mais perigosos
são florituras aéreas.

No limite da coragem,
no vão entre céu e terra,
um anjo luminescente
zomba da morte e da guerra.

É anjo? ou mulher? ou homem?
Sobre a pergunta sem nexo,
o novo arco-íris desdobra
todos os raios do sexo.

LIRA DO AMOR ROMÂNTICO

Ou a eterna repetição

Atirei um limão n'água
e fiquei vendo na margem.
Os peixinhos responderam:
Quem tem amor tem coragem.

Atirei um limão n'água
e caiu enviesado.
Ouvi um peixe dizer:
Melhor é o beijo roubado.

Atirei um limão n'água,
como faço todo ano.
Senti que os peixes diziam:
Todo amor vive de engano.

Atirei um limão n'água,
como um vidro de perfume.
Em coro os peixes disseram:
Joga fora teu ciúme.

Atirei um limão n'água
mas perdi a direção.
Os peixes, rindo, notaram:
Quanto dói uma paixão!

Atirei um limão n'água,
ele afundou um barquinho.
Não se espantaram os peixes:
faltava-me o teu carinho.

Atirei um limão n'água,
o rio logo amargou.
Os peixinhos repetiram:
É dor de quem muito amou.

Atirei um limão n'água,
o rio ficou vermelho
e cada peixinho viu
meu coração num espelho.

Atirei um limão n'água
mas depois me arrependi.
Cada peixinho assustado
me lembra o que já sofri.

Atirei um limão n'água,
antes não tivesse feito.
Os peixinhos me acusaram
de amar com falta de jeito.

Atirei um limão n'água,
fez-se logo um burburinho.
Nenhum peixe me avisou
da pedra no meu caminho.

Atirei um limão n'água,
de tão baixo ele boiou.
Comenta o peixe mais velho:
Infeliz quem não amou.

Atirei um limão n'água,
antes atirasse a vida.
Iria viver com os peixes
a minh'alma dolorida.

Atirei um limão n'água,
pedindo à água que o arraste.

Até os peixes choraram
porque tu me abandonaste.

Atirei um limão n'água.
Foi tamanho o rebuliço
que os peixinhos protestaram:
Se é amor, deixa disso.

Atirei um limão n'água,
não fez o menor ruído.
Se os peixes nada disseram,
tu me terás esquecido?

Atirei um limão n'água,
caiu certo: zás-trás.
Bem me avisou um peixinho:
Fui passado pra trás.

Atirei um limão n'água,
de clara ficou escura.
Até os peixes já sabem:
você não ama: tortura.

Atirei um limão n'água
e caí n'água também,
pois os peixes me avisaram,
que lá estava meu bem.

Atirei um limão n'água,
foi levado na corrente.
Senti que os peixes diziam:
Hás de amar eternamente.

O AMOR ANTIGO

O amor antigo vive de si mesmo,
não de cultivo alheio ou de presença.
Nada exige nem pede. Nada espera,
mas do destino vão nega a sentença.

O amor antigo tem raízes fundas,
feitas de sofrimento e de beleza.
Por aquelas mergulha no infinito,
e por estas suplanta a natureza.

Se em toda parte o tempo desmorona
aquilo que foi grande e deslumbrante,
o antigo amor, porém, nunca fenece
e a cada dia surge mais amante.

Mais ardente, mas pobre de esperança.
Mais triste? Não. Ele venceu a dor,
e resplandece no seu canto obscuro,
tanto mais velho quanto mais amor.

EPITALÂMIO

Para Márcia e Luís Hamilton

Musas latinas, musas gregas, musas
do velho Olimpo e do moderno mundo,
com alto sopro bafejai-me a lira
e dai-lhe o sentimento mais profundo.

Tenho a cumprir nobre missão de bardo,
devo cantar o amor naquele instante
miraculoso, antigo e sempre novo,
de transpassar em luz o peito amante.

Hoje Márcia gentil, neta de Horácio
(poeta ele também, por seus cabelos
de argêntea messe, e ardente coração),
une-se a Luís Hamilton. Só de vê-los,

sinto surdir de oculta fonte o som
de música celeste, que às esferas
sublimes reconduz o ser humano,
e impregna de doçura as próprias feras;

o som da força cósmica, movente
do sol e das estrelas, conhecida,
que o florentino pôs em nobre verso,
e no meu tosco verso eis refletida:

o som do amor, o som do ameno grito
melodioso e santo e grave e jovial,
dramático, dolente, sobre-humano,
trazendo à vida uma razão geral.

Vai, Márcia, sê feliz, e teu esposo
contigo de mãos dadas, tempo afora,
um só sejam os dois, de tal maneira
que pouse a eternidade em cada hora.

Vosso himeneu, dos astros protegido,
seja lição de bem amar, oferta
a quantos, imaturos, desnorteados,
em vão tentam seguir a rota certa.

O sonho em vós se cristaliza e assume
o contorno sensível da existência.
Cada palavra e beijo que trocardes,
dos deuses conterà a pura essência.

Aqui vos deixo. Aqui vossos amigos,
os da alegria ritos celebrando,
despedem-se de vós. Eia, a caminho.
Tende por certo: amar se aprende amando.

O AMOR DETERMINA

A Matilde e Mário da Silva Brito

“L’amour veut qu’aujourd’hui mon ami
André Salmon se marie.”

Apollinaire

O amor determina hoje que se casem
minha amiga Matilde e meu amigo Mário.
Sua lei é sagrada. Cumpra-se com música
de clavicórdios, clavicímbalos, espinetas,
tiorbas, violas *d’amore*, harpas davídicas,
sem esquecer o fagote, o oficlido, todos os metais,
e o saçaricante pinho carioca,
mesmo que tais instrumentos não figurem
ostensivamente no ato. Estarão soando
no ar interior que respiram os enamorados conscientes.
E seja esta quinta-feira de perfeita claridade
e sombra mais suave a acarinhar os noivos
de refletida vontade e lúcida escolha.
Emoldure-os a luz. Doure-os o maravilhoso silêncio
entranhado no som,
em que a alegria do amor-conhecimento se entreabre
à feição de flor nascida
do chão mesmo da vida.
E cantemos todos, em torno deles,
em musical ciranda:

M de Matilde

M de Mário

M do centro da palavra amor.

A LAMENTÁVEL HISTÓRIA DOS NAMORADOS

Namorados, namorados,
não vos vejo mais alados,
sublimes, alcandorados
nos miríficos estados
de êxtases multiplicados
em horizontes dourados
de mundos ensolarados.
Estais casmurros, calados
entre carinhos cansados
e sonhos desanimados.
Que vos sucede, coitados?
Acaso foram arquivados
os projetos encantados,
alvo de finos cuidados,
pelos dois armazenados?
Onde os férvidos agrados,
os toques maravilhados
de vossos dias passados?
Namorados, namorados,
deixai-nos desarvorados!

Diviso em vossos semblantes
sombras, traços inquietantes,
diversos dos crepitantes,
abertos e fulgurantes
sinais festivos de antes.
Já não sois doces amantes,
não carregais, exultantes,
o suave peso de instantes
que pareciam diamantes
nos volteios elegantes

dos jogos inebriantes
e nos beijos delirantes
quando adultos são infantes
buscando refrigerantes
que em vez de serem calmantes
inda são mais excitantes.
Já não sois os bandeirantes
de descobertas faiscantes.
Diviso em vossos semblantes
amarguras humilhantes.

Chegou-me a resposta no ar,
após muito meditar
e livros mil consultar:
A inflação tentacular,
com guantes de arrebentar,
ferrou-vos na jugular.
Vosso anseio de morar
em casinha à beira-mar
ou qualquer outro lugar
desfez-se no limiar.
A recessão de lascar
nem vos deixa respirar,
e de empregos, neste andar,
quem ousa mais cogitar?
Um pacote singular
de rigidez tumular
desaba no patamar
da pretensão de casar.
Chegou-me a resposta no ar:
não dá mais pra namorar.

O CONVÍVIO IDEAL

O COMBATE DA LUZ

A Alphonsus de Guimaraens Filho

O combate da luz
contra os monstros da sombra:
assim tua poesia
é alvorada e angústia.

Pousa a morte nos ramos
do tronco apendado.
Mas da seiva rebentam
novos, florentes cânticos.

Não pode o céu noturno
desfazer os berilos,
os íntimos diamantes
do verso teu ao mundo,

inefável presente
não de matéria vã:
do que melhor define
o fluido sentimento,

o lancinante anseio,
a sublimada essência
do amor, cativo e livre
– teu lírico segredo.

Pois pelo amor resgatas
o pensamento lúgubre,
a dor de antigas fontes,
as perdidas paragens,

e na era absurda crias
a ligação perene
da saudade dos anjos
na chama da poesia.

FAZER 70 ANOS

A José Carlos Lisboa

Fazer 70 anos não é simples.
A vida exige, para o conseguirmos,
perdas e perdas no íntimo do ser,
como, em volta do ser, mil outras perdas.

Fazer 70 anos é fazer
catálogo de esquecimentos e ruínas.
Viajar entre o já-foi e o não-será.
É, sobretudo, fazer 70 anos,
alegria pojada de tristeza.

Ó José Carlos, irmão-em-Escorpião!
Nós o conseguimos...
E sorrimos
de uma vitória comprada por que preço?
Quem jamais o saberá?

À sombra dos 70 anos, dois mineiros
em silêncio se abraçam, conferindo
a estranha felicidade da velhice.

O CORREIO DE AMIGOS É DOÇURA

A Joaquim-Francisco Coelho, para informá-lo de um carinhoso silêncio.

O correio de amigos é doçura
que eu cultivo de forma negativa.
As cartas vão chegando, e uma festiva
sensação de amizade mais se apura.

Mas eis que, ao responder, a tentativa
de exprimir esse gosto se afigura
empenho vão, pois que toda a finura
do sentimento escapa à letra viva.

Joaquim-Francisco, ideal correspondente
que ao belo Van de Velde acrescentaste
a mensagem postal mais excelente,

perdoa a quem confessa (pois não mente):
o que a pena emudece por desgaste,
no coração floresce plenamente.

O QUE ALÉCIO VÊ

A voz lhe disse (uma secreta voz)

— Vai, Alécio, ver.

Vê e reflete o visto, e todos captem
por teu olhar o sentimento das formas
que é o sentimento primeiro – e último – da vida.

E Alécio vai e vê

o natural das coisas e das gentes,
o dia, em sua novidade não sabida,
a inaugurar-se todas as manhãs,
o cão, o parque, o traço da passagem
de pessoas na rua, o idílio
jamais extinto sob as ideologias,
a graça umbilical do nu feminino,
conversas de café, imagens
de que a vida flui como o Sena ou o São Francisco
para depositar-se numa folha
sobre a pedra do cais
ou para sorrir nas telas clássicas de museu
que se sabem contempladas
pela tímida (ou arrogante) desinformação das visitas,
ou ainda
para dispersar-se e concentrar-se
no jogo eterno das crianças.

Ai, as crianças... Para elas,

há um mirante iluminado no olhar de Alécio
e sua objetiva.

(Mas a melhor objetiva não serão os olhos líricos de Alécio?)

Tudo se resume numa fonte
e nas três meninhas peladas que a completam,

soberba, risonha, puríssima foto-escultura de Alécio de Andrade,
hino matinal à criação
e à continuação do mundo em esperança.

ESBOÇO DE FIGURA

Antônio Cândido ou
Antônio lúcido, límpido,
que conhece e pratica a força imponderável da intuição?
Que funda o juízo crítico no gosto,
– o gosto que em vão se tenta anular, e permanece,
mesmo negado e ignorado, sal da percepção?
Antônio que não cinge a malha de gelo do formalismo
e, com movimentos livres e lépidos,
sente a pulsação culta da obra,
num enlace de simpatia literária?
Antônio a vislumbrar no poema
para além das palavras uma conquista do inexprimível
que elas não contêm
e diante da qual devem capitular?
Antônio atento às *áreas de silêncio entre as palavras*,
nelas distinguindo a misteriosa ressonância
do inexprimível afinal expressado,
fora do poema, pelo seu rastro?
Antônio a perceber no leitor consciente
um vaso novo, em que os cantos do poeta irão combinar-se
de um modo especial e quase único?

Arguto, sutil Antônio
a captar nos livros
a inteligência e o sentimento das aventuras do espírito,
ao mesmo tempo em que, no dia brasileiro,
desdenha provar os frutos da árvore da opressão
e, fugindo ao séquito dos poderosos do mundo,
acusa a transfiguração do homem em servil objeto do homem.
Assim é Antônio Cândido, na altiva, discreta pureza
dos sessent'anos.

“A KISS, UN BAISER, UN BACIO”

A kiss, un baiser, un bacio
para a terra que o acolheu.
Assim quis nosso Stefan Baciú
saudar o Rio antigo e seu.

Não muito antigo, mas trint’anos
tecem uma quase eternidade.
Entre danos e desenganos,
resta porém a claridade

(ou a penumbra) de lembrar
em surdina dias e gentes,
muito doce, bem devagar.
E as coisas tornam-se presentes.

Jornal e bonde e mortadela
comida à pressa, num minuto.
Contra a sorte cinz’amarela,
a Poesia: último reduto.

Praias e ondas do Havaí,
pulsando ao sol e ao vento vário,
não nos tiram Baciú daqui:
carioca ele é, mais que honorário.

VERSOS PARA ANA CECÍLIA DO RECIFE

Eis que o tempo chegou de celebrar Ana Cecília
e sua graça-clarão e seu verdor de tília.

Aqui estou, velho poeta, para quem a juventude
traz em si mesma uma promessa de beatitude,

uma continuação de antes de amanhecer, uma fonte
de sonhos e visões a colorir a linha do horizonte,

um aceno forte de vida, incitando a viver
a magnificente esperança de cada hora, diamante do ser.

Aqui estou e vejo Ana Cecília em seu fluvial Recife
adornada de mocidade como de um paquife.

Tem sua própria e luminosa florescência,
a mesma de Sônia Maria e de Madalena, e a inefável ciência

das moças brasileiras do passado, refletidas na de 78,
dom contra o qual nada pode nem ousa o tempo afoito,

pois a moça, forma indelével, através de gerações e gerações,
sítios, histórias, alianças, amorosas combinações,

é eternidade no fluir das coisas, instante corporizado
da ânsia de vencer o efêmero e nele inscrever o traçado

de uma ponta entre o humano, o terrestre e o transcendental,
feições todas irmanadas de um fantástico ideal.

E tudo que vejo em Ana Cecília é a imagem dessa união
profunda, como profundo é o amor, e plena de canção.

Que verso darei a Ana Cecília, se ela é o próprio verso
a brotar, espontâneo, da música do universo?

SEQUESTRO DE GUILHERMINO CÉSAR

Ao completar setent'anos

Um dia convoco Cyro dos Anjos e planejo com ele um sequestro.
Voamos (perucas e bigodes despistadores) para Porto Alegre.
Lá ficaremos à espreita na Avenida Independência.
Quando sair de certo edifício um incauto senhor de óculos
nosso carro lhe embargará os passos
e ele será convidado a seguir conosco
rumo a lugar que bem sabe.
Assim roubaremos Guilhermino César ao País do Rio Grande
e o transportaremos ao País da Memória,
país de cafés-sentados e redações não eletrônicas de jornais,
de repartições públicas onde se cumpria o destino de literatos sem pecúnia,
autores de discursos que jamais pronunciaríamos,
pois os concebíamos para outros os pronunciarem
no majestático palanque do Poder,
enquanto refocilávamos em orgias
com a ninfa de coxas de espuma e seios-orquídea
chamada Literatura,
nosso maior amor e perdição.

Levaremos Guilhermino para livrarias
que não existem mais,
cinemas, bailes estudantis, piqueniques serranos,
que não existem mais,
debates flamívomos, cambalhotas de vanguarda
que não existem mais,
tudo que não existe mais e continua,
anulado, existindo.
Nesse país que foi o nosso
na neblinosa companhia de Emílio Moura,

João Alphonsus, outros, outros
de que já não há notícia terrestre,
reflorescemos
ao som indelével da valsa e do *fox-trot*
brindados pela orquestra do Maestro Vespasiano.

Refloresceremos todos. O tempo, acidente.
Outro, mudanças. Guilhermino
acaba de chegar de Cataguases,
estudante de medicina e ritmo,
nosso mais moço companheiro para sempre.
Nunca sairá daqui, não sairemos.
Ninguém fará de nós os septuagenários que somos,
dispersos, divididos no mapa das circunstâncias.
Este, o nosso eterno, etéreo território.
Aqui assistimos, somos. O resto, aparência.
Este mesmo escrito: aparência,
não a realidade que se refere.
No único país real encontramos-nos em Guilhermino,
o que, menino, pediu ao pai uma bicicleta
e o velho deu-lhe as poesias de Bilac.
Que não nos procurem, não nos importunem. Deixem-nos
fruir o néctar absoluto.

EU QUISERA VER O MUNDO

Eu quisera ver o mundo
como o vê Sérgio Bernardo:
ver, no mundo, os muitos signos
que vigiam sob as coisas.

Sentir, sob a forma, as formas,
os segredos da matéria,
mais a textura dos sonhos
de que se forma o real.

Ver a vida em plenitude
e em seu mistério mais alto;
decifrar a linha, a sombra,
a mensagem não ouvida

mas que palpita na Terra.
Eu quisera ter os olhos
que assim penetram o arcano
e o tornam (poder da imagem)

um conhecimento humano.

A FESTA DE ZIRALDO

Vou à festa de Ziraldo,
vou levando Jeremias.
Ziraldo vai me mostrando
o tom de Flicts da Lua.
Jeremias, meu compadre,
meu anjo da guarda de óculos,
dá uma de milagreiro
fazendo que a supermãe
largue o súper, se tornando
mãe comum, ao natural.
A festa vai esquentando
dentro e fora da piscina.
Jeremias e Ziraldo
ao soar a concertina
já se tornam Jerizaldo
e Ziralmias, no caos?

Entra a Rainha, entra o Príncipe
da Grã-Britânia ou Caxias,
entra toda a macacada
com sentido na cerveja,
no *hot-dog* e no restante
que se pega ou se fareja,
mas Ziraldo, zirdando,
e Jeremias, quebrando
o galho de toda gente,
me mostram que a melhor festa,
de todas a mais bacana,
inserida no contexto,
está nos livros-mandinga,
nos *cartoons*, bonecos, bolas

incomparáveis de um certo
mineiro de Caratinga.

COMPANHEIRO

No 80º aniversário de Pedro Nava

Esse mocinho Nava, tão levado,
que nos cafés-sentados deixa a marca
de desenhista baudelairiano
entre cruel e místico, requinte
à Whistler, à Beardsley, a ele mesmo,
em apagadiço mármore de instante,
e na minha aloucada companhia
noturna, entre magnólias de silêncio,
emudece douradas campainhas
de casas transplantadas de Ouro Preto,
onde castos jardins cercam as virgens
de religiosas essências nupciais,
ou vai trocando as coisas de lugar,
a placa do causídico eminente
levando para a porta do dentista,
e a do médico ilustre despejando
no barrento fluir do ribeirão
Arrudas! e mais feitos, não me lembra
(mentira: oh se me lembro e quanto
ao tilintar avaro de memórias
como se moedas fossem, por que não?);
esse Pedro abancado à triste banca
de emprego burocrático vigiado
por severo doutor nada poético:
fugindo à mornidão do expediente
para a aula de anatomia – grande aluno –
ou para o Rio de Janeiro a ver – rever –
imagens que ninguém como ele viu
de velhas ruas, morros e pessoas,

descobrimo, em estético relance,
o nariz grego, a máscara romana,
os retratos de Proust ou Van Leyden
implantados em medíocres semblantes;
esse Pedro que é dois, que é três, é cinco,
aplicado estudante, insano jovem,
esse Pedro quem é? Quem o descobre
completo

lúdico

sério

imprevisível?

senão ele mesmo um dia vai mostrar-se
no desdobrado amor da medicina,
Pedro enrustido no primeiro Pedro
que belo-horizontinamente se aprestava
para o serviço do sofrimento humano
pela manhã – e à noite se entregava
aos anárquicos, doidos exercícios
de nossa boemia antimineira
e tão mineira, sim! em seu desgarre
de sufocadas, montanhosas forças
em luta desigual com o inamovível
senso grave dos queijos e da ordem?
Esse Pedro,

penso às vezes que fui seu lado esquerdo
em tão saudosos hoje, magros tempos
de busca, de revolta, de amarugem,
de desvairado humor sem rumo certo,
a desviá-lo do seu bom caminho...

Alguns meses mais velho, e má presença
de subversivo incompetente e aéreo,
sem rabo de diabo mas diabólico,
era eu, talvez, seu anjo de desguarda?

Ele se ri de minha culpa, assume-a,
e seguimos os dois, jogando pedras
(oitent'anos vividos, revividos,

transvividos no açúcar da saudade),
e seguimos e estacamos e fugimos
incendiando (ou quase) residências,
no estrelado silêncio de magnólias
ou de damas-da-noite (tanto faz),
pavor de velhos, beijo de meninas,
assunto de censória indignação,
arremetendo
contra o imigo burguês que nos despreza...
Esse Nava, querido companheiro.

DIANTE DAS FOTOS DE EVANDRO TEIXEIRA

A pessoa, o lugar, o objeto
estão expostos e escondidos
ao mesmo tempo sob a luz,
e dois olhos não são bastantes
para captar o que se oculta
no rápido florir de um gesto.

É preciso que a lente mágica
enriqueça a visão humana
e do real de cada coisa
um mais seco real extraia
para que penetremos fundo
no puro enigma das figuras.

Fotografia – é o codinome
da mais aguda percepção
que a nós mesmos nos vai mostrando
e da evanescência de tudo
edifica uma permanência,
cristal do tempo no papel.

Das lutas de rua no Rio
em 68, que nos resta
mais positivo, mais queimante
do que as fotos acusadoras,
tão vivas hoje como então,
a lembrar como a exorcizar?

Marcas da enchente e do despejo,
o cadáver insepultável,
o colchão atirado ao vento,

a lodosa, podre favela,
o mendigo de Nova York
a moça em flor no Jóquei Clube.

Garrincha e Nureyev, dança
de dois destinos, mães-de-santo
na praia-templo de Ipanema,
a dama estranha de Ouro Preto,
a dor da América Latina,
mitos não são, pois que são fotos.

Fotografia: arma de amor,
de justiça e conhecimento,
pelas sete partes do mundo
a viajar, a surpreender
a tormentosa vida do homem
e a esperança a brotar das cinzas.

CENTENÁRIO

Francisco Biquiba La Fuente Guarany
conjurou os seres malévolos das águas.
Com o poder de suas mãos meio espanholas,
meio índias, meio africanas,
totalmente brasileiras.
Das mãos de Guarany surdiram monstros
que colocados na proa dos barcos
protegiam os viajantes contra os terrores do rio.
Eram monstros benignos, conjunção de forças milenares
enlaçadas na mente de Guarany.
As águas purificaram-se, as viagens
tornaram-se festivas e violeiras.
E ninguém temia a morte, e o louvor da vida
era uma canção implícita no cedro das carrancas.
Os tempos são outros. Onde as carrancas?
Onde os barcos, as travessias melodiosas de antigamente?
O Rio São Francisco está sem mistério e poesia?
A poesia e o mistério pousaram
no rosto centenário de Francisco, irmão moreno
do santo de Assis, também ele miraculoso,
pelo poder das mãos calejadas e criadeiras.

EM MEMÓRIA DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS

I

Na violeta do entardecer,
flutua, evanescente, o poema
daquele poeta cujo ser
era só poesia – e suprema.

II

Um poeta, entre muitos, me fascina
por ser mineiro e do País do Sonho.
O luar pousa em seu verso alto e tristonho
e a alma de quem o lê já se ilumina.

O DESTINO DE EDGARD MATA

O poeta é notoriamente Prior do Desgosto,
mora na Trapa da Tristeza,
que é também castelo assombrado
desde a Idade Média ou desde Vila Rica.
O poeta confessa crimes etéreos.
Cultiva um amor noturno, pecaminoso:
a Monja Lua.
É da raça dos que morrem cedo,
não tem tempo a perder com a alegria.
Há sempre outono e inverno e tarde
em suas manhãs.
Segue a esmo, entre grotões do País de Minas.
Lágrimas e agonias vão com ele.
Satã, na sombra, o espreita.
Súbito voo sonoro flecha o céu.
São anjos? Duendes africanos?
É o bando de maritacas
e enche de cor seu coração e o mundo.
O poeta, por um instante, vislumbra a vida.
Ah, se tivesse nascido em Diamantina,
seria talvez saudável cantor do Peixe-Vivo.

VOLTO À CASA DE HELENA

A casa de Helena é a casa de daqui a 20 anos,
de daqui a 50, ao incontável.

É uma casa pousada em nós, em nosso sangue.

Podemos torná-la real: o risco arquitetônico de Helena
fica estampado na consciência.

E quando Helena se cala

na aparência mortal,

seu risco viçoso e alegre e delicado perdura,

lição de Helena Antipoff mineira universal.

PRIMEIRO MORTO

Alberto pequeno coxo
ágil endemoninhado contestador dialético,
saci que ri, óculos relumbrando
sob o circunflexo de bastas sobrancelhas
e coração ardendo de doçura
a fingir de sarcástico
– tão cedo vai Alberto: a pregar peças
em mundo novo, a amigos novos?

REUNIÃO EM DEZEMBRO

11.XII.1971

Dezembro, e dói (ou não?) um pouco
esse abrir os braços para abraçar
o corpo, ou o sem-corpo, de uma espera
nervosa.

Dezembro, e não te lembra
os que não estão mais para jogar
o jogo repetido da esperança?

Oh, não te faças de amargo.
Joga também, mas chama
ao balcão da memória
e junto do teu corpo
aqueles companheiros dispersados
em não sei que país não mapeado,
pois sem nome e latitude,
onde o tempo sem número é repleto
(ou deserto) de todo pensamento.
E reserva
poltronas especiais para os que ainda há pouco
se foram. Não estão acostumados
ainda ao novo lar, ou somos nós
que de perdê-los não nos demos conta?
Repara: a teu aceno
as perdas deste ano se transformam
em nova relação interior.
Ganhamos o perdido. Vem chegando
cada um no seu passo costumeiro,
no seu modo de ser e de existir.

Esta
é Ana Amélia, rainha sem diadema.
Reina em doçura entre estudantes
e anjos barrocos. Calmos decassílabos
fluem de suas mãos e vão voando
para onde a poesia se concentra
em bondade e beleza:
sinônimo de alma.

Para um instante, Murilo; olha, Miranda,
quanta coisa fizeste na inquietude
de fazer coisas. Pois não basta, homem?
As artes mais as letras te agradecem
quanto penaste por amor de sonhos
culturais, que no esquecimento somem.

Mas que rumor é este, que risada
rouca, feliz, irada, insubmissa,
entre as festas do povo se anuncia?
É carnaval, folclore, são vivências
de um gato, da Amazônia, que sei mais?
O furacão chamado Eneida
tem garras verdes e ficou tranquilo.

Pelo telefone, a voz te pede
a colaboração do suplemento.
Anos a fio, vida a fio.
José Condé faz o jornal
mas seu coração foge ao plantão
e perfura, no chão natal,
o poço dorido-alegre
de imagens pernambucas.

Willy Lewin, viola ou violino
afinadíssimo, ouvido apenas
em surdina de câmara e recato.

Que requinte no seu sigilo,
seu desencanto modulado:
a melhor poesia é um signo
abafado.

Brumoso Luís Santa Cruz: a cruz,
entre súcubos a espicaçá-lo,
exorciza lêmures. Vago,
fantasmal ele próprio, ouvindo-lhe
a voz baixa, é o sussurro que ouves
de um mundo abissal, de sombras.

Por último vem teu compadre
e teu irmão Emílio, o doce
mavioso Moura irmão mineiro. Sorrindo,
como a pedir desculpas de uma falta:
“Fui proibido de beber
e de pitar um cigarrinho”
e de outra falta, mais grave:
“Fui-me embora, deixei você falando
sozinho.”

Dezembro, e o que perdido
foi neste ano, volta, iluminado
pelo claro pensar,
e reanima-se
o jogo eterno (e vão?), o jogo
da vida renascendo de si mesma.

PRESENÇA DE MIRA

A Stefan Baciú

O errante colar de lembranças e metáforas
apaga-se no colo de Mira.

Maintenant je ne serais nulle part.

Quem sabe?

Mira, hei de encontrá-la sempre em alguns versos
que falam da criança construindo na areia
palácios e jardins da pátria proibida;
que contam do domingo, cesta de solidão,
e da mulher agitando um xale imaginário,
e do esquecimento, que é um papagaio de papel.

Não preciso escutar
o tambor do corcunda anunciando as notícias,
para saber de Mira.
Neste grão de café encontro Mira pensando no Brasil.

ODYLO, NA MANHÃ

21.VIII.1979

Manhã de domingo. Odylo nos deixa.
Domingo, a pausa de Deus, logo de manhã,
à hora singela do café.
Domingo, tempo de paz. Odylo é pacífico.
Uma dor antiga, instalada em seu flanco esquerdo
(para não dizer que na alma se instalou),
acompanha com fidelidade os seus passos
e não o torna amargo ou revoltado.
De fala mansa, Odylo,
e doce coração, convive com ela
como o irmão conversa com o irmão,
e o amigo no amigo se contempla: sem palavras.
Eis que recebe o súbito chamado.
Odylo, poeta e repórter, acontece-lhe isto:
Deus é que vai entrevistá-lo
e mostrar-lhe face a face
a poesia sem versos do Inefável.
Odylo parte na manhã de domingo,
transportado – não vi, que meus olhos precários
se ofuscam à visão dessas coisas altíssimas –
transportado por teorias de anjos exatamente da cor e do talhe
dos pintados por Nazareth, pintora de anjos, crianças e sonhos.
A dor antiga o abandona para ceder espaço
à Esperança recompensada.
Odylo sobe e logo à porta de Deus vai encontrar
seus filhos que chegaram tão cedo. E amigos e companheiros
(seu padrinho Manuel, entre muitos).
Não vi, que essas altíssimas coisas fogem à minha tosca percepção,
mas facilmente um cristão imagina

o sorriso de Odylo, respondendo
domingo de manhã
ao sorriso de Deus.

TINTIM PARA LUÍS MARTINS

23.IV.1981

I

Caro Luís inspetor federal de colégios
sem colégios para inspecionar
(padre sem igreja, maquinista sem locomotiva, amante sem amada)
no ano-fumaça – lembra-se? – de 38.
Designam você para Jaú,
solução mais perto, mais amável.
Lá vai o inspetor com uma camisa na pasta
e a convicção de que Jaú é pertíssimo.
Chega nove horas e meia depois:
uma hora a cavalo, da fazenda à estação,
uma hora de trem a Jundiaí,
quatro horas e meia de Jundiaí a Ityrapina
(com y, que agrava a distância),
finalmente três horas até Jaú.
Gasta você na brincadeira
com passagens, hotel e refeições
mais da metade do mesquinho ordenado futuro
e terá de voltar três vezes por semana...
Ser funcionário às vezes dói
como canelada. Ou faca no estômago.

II

Como, não sei, você surge em Minas (jornalista?)
na posse do ilustríssimo Governador-Mor Valadares
entre luminárias bailes populares festança grossa.
De manhã, excursão
ao sonho barroco de Ouro Preto, Congonhas, Tiradentes,

à qual, que lástima, você não comparece,
pois é de dormir tarde ou mesmo não dormir
quando a cimitarra da lua ceifa a imensidão mineira.
Suas noites são de prostrar com amigos em torno de honesta cerveja
e as manhãs para o sono velado pelo Deus dos boêmios.
Ir a Minas e não ver o Aleijadinho!
Muitos anos lhe punge n'alma esse pecado.

III

De novo em Belo Horizonte. Desta vez, o Congresso
de Escritores estentóricos discutindo o porvir nacional.
Salvemos a Pátria mediante nossas prosopopeias!
Gosto de quedar a seu lado no Bar Pinguim
noites seguidas e melodiosas, alheios à retórica,
em doce paz de consciência.
Você imita Segall à perfeição
e eu admiro sua digna mansuetude entre os paladinos adversos.
Ensina (sem pretensão) a gentil dignidade.

IV

Lembro coisas assim a esmo
para conjurar a acidez da notícia de sua morte,
a mais injusta, a mais absurda para alguém como você,
que viveu em doçura, sem atropelar ninguém
no pensamento ou na vida.
Quis restaurar sua presença no bar, em minha casa, na rua.
Conservar você perto da gente, malgrado o final.
Este não é um protesto. É um tintim no copo cheio de saudade.

O ESCRITOR

Alceu e Tristão: o nome
e o pseudônimo ensinam
uma unidade de alma
na unidade do amor.

Pois é o amor unidade
multiplicada, e a vida
quando se recolhe aos livros
é para voltar mais vida.

Em 50 anos de letras
uma flor desenha as pétalas
de amoroso convívio:
o homem livre e ligado.

Livre e ligado a seu próximo
na larga avenida humana
em que beleza e justiça
fazem de espera, esperança.

Tristão e Alceu: a mesma
fiel cristalinidade:
uma criança sorrindo
no sábio à sombra de Deus.

ALCEU, RADIANTE ESPELHO

Lá se vai Alceu, voltado para o futuro,
para um sol de infinita duração.
Lá se vai Alceu, sem as melancolias do passado,
que para ele tinha a forma de um casarão azul,
e sem as ilusões adolescentes do progresso.
Julga-se ouvir no seu trânsito
os acordes da *Sonata para Piano e Violino* de César Franck
que ele tanto amava.
Seu claro riso e humana compreensão e universal doçura
revelam que pensar não é triste.
Pensar é exercício de alegria
entre veredas de erro, cordilheiras de dúvida,
oceanos de perplexidade.
Pensar, ele o provou, abrange todos os contrastes,
como blocos de vida que é preciso polir e facetar
para a criação de pura imagem:
o ser restituído a si mesmo.
Contingência em busca de transcendência.

Lá se vai Alceu: as letras não o limitam
no paraíso de sensualidade das palavras
que substituem coisas e sentimentos,
diluindo o sangue de existir.
Para além das letras restam indícios mais luminosos
de uma insondável, solene realidade
de que muitos tentam aproximar-se
com a cegueira de seus pontos de vista
e a avidez da insatisfação.
Alceu chega bem perto do fogo incandescente
e não tem medo.
Sorri. Venceu o conformismo

com a classe, a carreira, a biografia.
Alceu, radiante espelho
de humildade e fortaleza entrelaçadas.
Não chora as ruínas da esperança.
Com elas faz uma esperança nova
de que a justiça não continue uma dor e um escândalo
de incrível raridade,
e sim atmosfera do ato de viver
em liberdade e comunhão.

Lá se vai Alceu, gentil presença,
convívio militante entre solidões de ideias
cada vez mais fechadas – e ele aberto
aos ventos do mundo, à decifração do lancinante
anseio de instituir a paz interior
no regaço da paz exterior:
anseio de homens
desencontrados, tontos, malferidos
no horror da vida escrava do azinhavre
de moedas viciadas no poder da Terra.
Alceu tão frágil no seu grande corpo
que não comanda os rumos da aventura
mas adverte, ensina, faz o gesto
que anima a prosseguir e a procurar
a mais exata explicação do homem.
E lá se vai Alceu, servo de Deus,
servo do amor, que é cúmplice de Deus.

ALEGRIAS E PENAS POR AÍ

RELATÓRIO DE MAIO

26.V.1968

Naquele maio
decidiu-se a opção
entre violão e violência
voaram paralelepípedos
exigindo a universidade crítica
e a paz sem sandálias
fugindo ao palácio das negociações
martirizou os pés
na vala de encanamentos cortados
naquele maio
o fogo o fogo o fogo o fogo
vinha no vento do telex
soprado de muito longe
tornado muito perto
o delegado saiu prendendo
cortando cabelo
mandando dormir mais cedo
naquele maio
a Bolsa fechou por excesso de instruções
que mandavam fazer o oposto do contrário
ou
o contrário do contrário do contrário
naquele inverno
o grupo *Lire le Capital*
reformulava a dialética anti-Hegel
e o estruturalismo continuava na onda
passando à frente de Bonnie & Clyde
sem desbancar McLuhan, Chacrinha e o
teatro do absurdo institucionalizado

Qorpo Santo é quem tinha razão
naquele maio
o túnel fechou cansado de servir
a eternos carros e personas
que nunca lhe agradeceram
a abertura para o Sul e para o Norte
naquele maio
os mendigos dormiam abraçados
no gelo da rua
não por amor: para cada um
tirar o quentinho do outro
naquele maio
os municípios eram divididos
em dois pelotões: os autônomos
até certo ponto
e os tutelados
oh tão melhor ser tutelado: vinha um homem
fardado por fora ou por dentro
dizia o que era lícito fazer
dispensando os cidadãos da difícil escolha
entre o azul e o amarelo
o bom e o mau
o nariz e a gaivota
a laranja e a banana
o X e o Y
naquele maio
o Ibope consolava o Governo
meu querido
saiba que tem havido outros piores
mas não pergunte mais que eu não respondo
naquele maio
as manhãs eram lindíssimas, as tardes
pingavam chuva fina
o mar entristecia
a luz era cortada de repente
como prefixo de morte

e mesmo assim na treva uma ave tonta
riscava o céu naquele maio.

MINIVERSOS

16.VIII.1968

1

Tudo tem limite
exceto
o amor de Brigitte.

2

Tevê colorida
fará azul-rósea
a cor da vida?

3

Última atração na areia
do Leme:
a tiro, mata-se a baleia.

4

Acabar com assalto
a trens pagadores
num momento:
suprimindo trens
e pagamento.

5

7 anos de idade.
Muro de Berlim
é eternidade.

6

Biafra: a guerra come
a safra
de sua própria fome.

7

Separatismo espanhol:
lado do escuro,
lado do sol.

8

Quem papa a pílula
poupa parto, papinhas,
porém perde parúsia.

9

Se o Papa ganha a Parada
você me garante
que a Amazônia será povoada?

10

Às doenças mortais
junta-se outra mais:
transparente.

11

Estruturas: afinal
serão reformadas
com soldo integral?

12

Solução 100%
(disse Deus) só
se for Presidente
o Arigó.

13

Bruxuleia o ciro votivo
a Nossa Senhora
do Facultativo.

14

O pintor a meu lado
reclama:
Quando serei falsificado?

15

A moda cigana
é passada a limpo
na Limpeza Urbana?

16

O inocente afiança
a culpa que não tem
na esperança
do mal chegar ao bem.

17

Cautela: em agosto
não vire o rosto
ao rei da vela.

18

No festival da canção
fica abafadinho
o ai da inflação.

19

A reforma universitária
prevê o curso
de reforma universitária.

20

O censor olhou-se
no espelho e censurou-o:
Que horror!

AI DOS MACACOS

3.XI.1968

Ai dos macacos, ai dos macacos
sul-americanos!
Sem mais florestas
para morada
e são caçados
de noite, de dia.
Se ainda tivessem
matos bacanos,
que adiantaria?
Serem guardados
para experiências,
anos e anos
(a ciência é um fato)
de neuropato-
logia.

FESTIVAL EM VERSO

25.III.1969

Geneviève Waite

Pálida Joaninha
pálida e loura, muito loura e –
nem tão fria quanto no soneto
esvoaça entre leitos.
A borboleta presa no pulso
quer voar mas falta céu em Londres
enevoada.

Neda Arnevic

O broto de 15
estrelando filmes
proibidos para
os brotos de 15.

Brasileira

Florinda Bulcão, florido
balcão: com esse nome lindo
no frontispício do poema,
para que fazer cinema?

O nome

Trintignant
trinta trinchantes
trinca nos troncos

tranca no trinco
tranco sonoro
— Adoro!
diz num trinado
trêfega trintona.

Liquidação

E Robbe-Grillet, de um lance,
mostra, encantado, seu lema:
— Já liquidei com o romance,
vou liquidar com o cinema.

Tráfego

O diretor de *Uma Aventura no Espaço*
a poucos metros da Lua
veio ver pessoalmente
nossa terrível aventura no limitado
espaço de uma rua
de sinal enguiçado.

Velha guarda

Joseph von Sternberg
Fritz Lang
Cavalcanti
3 x 70:
210 anos de cinema
o poder é sempre jovem
quando é alguma coisa mais do que o poder.

Mercado de filmes

Compra-se um

que tenha menos de 10 espiões
assassinos/assassinatos;
que, tendo cama,
tenha também outros móveis agradáveis
à vida comum do corpo,
como a espreguiçadeira, a mesa, a cadeira;
que tenha princípio
meio e fim;
que não tenha charada nem blablablá,
enfim,
um filme que não existe mais.
Paga-se tudo.

Genealogia

Na piscina do Copa
tela líquida panorâmica
do festival de corpos
o repórter erudito
pergunta a Mireille Darc:
— *Mademoiselle*
est-ce que vous êtes
la toute petite-fille de Jeanne d'Arc?

Desafio

Matemática de cine
a estudar em Ipanema
pelo jovem não quadrado
(Pasolini é quem previne):
Superbacana é o teorema
nunca jamais demonstrado.

A SEMANA FOI ASSIM

18.X.1969

A semana? Passou que nem corisco,
somente aqui e ali deixando um risco
além do velho céu, hoje quadrado,
pelas naves do cosmo ultrapassado.
Que pretendem os homens: descobrir
um novo mundo, onde se possa rir?
brincar de amor? jogar de ser feliz?
tirar diploma de deus-aprendiz?
(Daqui a pouco o trânsito no espaço
estará de fundir cuca e espinhaço.)
Minha tia mineira não se espanta:
há sempre uma cantiga na garganta
para saudar o sonho, embora a ruga
da experiência prefira a tartaruga
em seu calmo ficar aqui por perto,
tartarugando no roteiro certo...
É isso a espécie: um revoar aos trancos,
aos gemidos, aos cálculos e arrancos,
entre miséria e ciência, na poesia
da eternidade posta num só dia.
Ninguém entende bem o tal contexto
de que tanto se fala; e Paulo Sexto,
dos bispos a escutar o iroso brado,
chora, talvez, ou se mantém calado?
Eu contesto o contexto, diz a voz
em torno, em cima, até dentro de nós,
e a humanidade, enquanto assim contesta,
do próprio contestar faz uma festa.
Ainda bem que aí salta o Jô Soares,

a provar que cirandam pelos ares
mil amores sobrando para o Gordo,
que por isso não sente mais a dor do
regime, derramando pleno açúcar
no café, no pospasto, até no púcar(o)
da laranjada... Ai vida, que doçura
quando magros e gordos, de mistura,
se sentirem amados por igual
em todo o território nacional,
e as nações forem todas um só povo,
na veludosa paz do homem novo!
Deliras, minha lira? Por enquanto
não devo reclamar prodígio tanto.
Olha o Dia do Mestre: o professor
(que do dinheiro ainda não viu a cor
em Minas) recebendo na bandeja
confetes de ternura e de ora-veja...
Em São Paulo calou-se o sax-barítono
de Booker Pittman: procuro um terno átono
para exprimir a falta, a grande pena
do som perdido, em meio à dor de Eliana.
E o sax-soprano, o clarinete? Música
de jazz, que jaz, silente, em flauta mágica.
Mas voltemos à rima, com Bandeira
pintor, Antônio, e sua vida inteira
convertida em pintura da mais fina,
que veremos no MAM: pintura é sina
e prêmio de viver após a vida
tão longe e tão depressa fenecida.
E viva, viva o Vasco: o sofrimento
há de fugir, se o ataque lavra um tento.
Time, torcida, em coro, neste instante,
vamos gritar: Casaca! ao Almirante.
E deixemos de briga, minha gente.
O pé tome a palavra: bola em frente.

AS NOTÍCIAS

13.XII.1969

E lá se foi aquela extraordinária
Eunice Weaver: cada preventório
para filhos de lázaros proclama,
pelo Brasil inteiro, o seu supremo
dom de servir à vida das crianças.
Já na Gamboa umedecidos lenços
despedem-se... Ficou de Dona Eunice
uma lição de amor, cheia de graça.

Mas andemos. Que tal esses ornatos
de rua, a celebrar os velhos ritos?
Eu acho que o Natal ronda por fora
dos signos natalinos: sua rara
contextura de sonho e de esperança
num Deus garoto abriga-se no esconso
particular da alma; esse, o presépio
mais real, mais tocante; esse, o cardápio
da ceia imaterial, sem mesa posta
e sem badalação, sem *jingle* e cesta.
Chartres no Russell, toda iluminada?
Tenho a Glória do Outeiro, estou com tudo.

Só me faltam, nas férias dos meninos,
dois elefantes, vastos ou pequenos.
Quando virão? Exige-se vacina,
identidade, visto de aduana,
título de eleitor em Bombaim
e prova de que são bichos de bem.
Oi, meus elefantinhos ofertados

por Indira (?), tão logo repelidos
para a jângal natal: ficai por lá,
que saudoso de vós me quedo aqui.
Não vos desejo pouso na Ilha Grande,
pois muito mais a gosto ficais onde
a um paquiderme não se exige tanto
papelório que a um bípede põe tonto.

A papoula sangrenta, a flor dos *hippies*,
antes tão alva? A mão pega do lápis,
anotando massacres. Sharon Tate,
My Lai, nosso “Esquadrão”... Matar é um ato
de prazer, como uma extensão do sexo,
um novo haxixe, um fascinante tóxico?
Matar em grosso; nunca um só, apenas.
Aos cinco, aos mil: esporte de bacanos.
Então, por que temer, pergunto, a gripe
A-2 Hong-Kong, no seu doido galope?
O vírus isolar, em honra à vida,
para depois fazê-la espedaçada?
O mundo é dos carrascos? Deus é fábula
esmaecida no pó de um incunábulo?
Ou vamos aprender a ser humanos
– ao menos aprendizes pequeninos?

LIRA PEDESTRE

25.IV.1970

Gerontologia econômica

Simone de Beauvoir, tua lição
não me interessa, não, sobre a velhice.
Prefiro agora ver José da Cruz,
mineiro de Ouro Preto (quem diria?)
trabalhando de dar sumiço a velhos.
“Já não valem mais nada”, ele declara.
Como não? Valem muito: à custa deles,
cria José, em meio à vida cara,
uma nova e rendosa profissão.

No balcão

O cafezinho está mais caro?
Sabe melhor o cafezinho?
De diâmetro aumentou a xícara?
A colherzinha não é mais de prata
(se algum dia foi), e um sorriso
de boas-vindas nos acolhe
sob os bigodes do gerente?
É mais café o cafezinho,
mais quente, inspira mais piadas
a seus costumeiros clientes?
Tem um pó mais fino, o adoçante
não mata mais que o ciclamato,
e há no açúcar um princípio
de tornar o dia contente
quando o céu da boca relembra

o cafezinho em pé tomado?
O cafezinho contém mesmo
café do bom, que a velha casa
de nosso avô servia a todos,
e repetiam todos, uai?
Não. Simplesmente, meus amigos,
o cafezinho está mais caro.

Acordo entre cavalheiros

O esquadrão primeiro, depois
de liquidar mil marginais,
ao esquadrão número dois
se dirigiu em termos tais:
— Se tu me tascas, eu te tasco,
não sobra um para semente.
É melhor acordo: um carrasco
não deve morrer inocente!

Quem avisa amigo é

Que vontade antiga de ir a Roma
ver as coisas antigas, sentir
a alma antiga das coisas.
Certa manhã,
entrar na Basílica de São Pedro,
procurar Miguel Ângelo:
ainda briga muito com Bramante?
Depois, ajoelhar-me,
pedir a Deus a graça, entre milhares,
de que careço...
— Ah, isso não – adverte Paulo VI
em amistoso alarme:
É tão esplendoroso aqui, bofé,
que rezar nesta igreja não dá pé.

ASSANHAMENTO

8.VIII.1970

Que venha o censo de 70
e com ele venha
a recenseadora mais bacana,
aquela que ao dizer, com voz de açúcar
(a doce voz é a melhor senha):
“Preencha direitinho
este questionário, por favor”,
tenha sempre dos homens a resposta:
“Por você, minha flor,
preencho tudo, sou capaz até
de reclamar duzentos questionários,
passando a vida inteira a preenchê-los,
mesmo os mais complicados e mais vários,
tendo-a a meu lado, é claro, a me ajudar.”
Ah, por que o Governo
não faz todo ano um censo cem por cento
com uma garota assim, a censear?
Por que não reformula
a engrenagem severa da Fazenda
e bota a coleção dessas meninas
cobrando a domicílio
(pois resistir quem há-de ao seu veneno)
todas as taxas, todos os impostos,
inclusive – terrível – o de renda?

EM MARÇO, ESTA SEMANA

13.III.1971

Segunda-feira a gente ficou presa
não no Distrito: em casa, ante o combate
de Cassius Clay e Frazier... Que tristeza
ver Muhammad Ali tatibitate,

hesitando, caindo, prolongando
por 15 *rounds* nossa aflição inglória:
Vai resistir? Virar a luta? Quando
acaba esta cruenta e lenta história?

Sem apostar um dólar ou cruzeiro
(pois nutro por tabefes sacro enjoo),
lamento haver perdido: o palradeiro
tem minha simpatia no seu voo

rumo à ideia de paz, num mundo em guerra.
Até um boxeador acusa o vício
de nos entrematarmos sobre a Terra,
este açougue instalado num hospício.

Lá se foi Harold Lloyd, um velho chapa
do tempo em que o cinema era calado
e a gente é que falava... Eis que à socapa
voltam risos e sombras do passado.

— Viu Carlito no *Circo*? — Não quis ver,
pois já não sou o broto carlitiano,
e procurando nele o antigo ser,
não mais o encontro... Deve haver engano.

Mudaria Carlito ou mudei eu?
(Sempre me perseguindo o eterno Assis,
como se a vida não me houvesse assaz
revelado o segredo de uma noz
escondida num papo de avestruz.)

A rima neste ponto se perdeu,
mas que importa? Se a Light não me apaga
a luz, visitarei com Geysa Bôscoli
(oh abram alas!) Chiquinha Gonzaga
no livro que através o tempo fosco lhe
recorda o humano e musical perfil.
Que mulher e que mina de talento
em polca, xote, valsa, tango, mil
composições, arte lançada ao vento!

Mas que é isso, no Parque de Iguaçu?
Que diz o Frisch? Por manhas de posseiros
vejo as fontes secando e o solo nu?
Roubam nossos tesouros derradeiros?

Orlando Villas-Bôas, por seu lado,
no Parque do Xingu, pede magoado:
— Mudem-me, por favor, esse traçado
de rodovia, que desmantelado

deixa o viver do índio na floresta
e nada lhe oferece além da triste
integração, essa ilusória festa
a que ele, sem defesa, não resiste.

Falar em índio, grande livro este,
novinho, de Darcy Ribeiro. Leste?
Uma serena avaliação de dados
a serem fundamente meditados

enquanto não se extingue a velha raça

de teto errante e de ventura escassa.
Já não mais tranço as rimas, e daí?
Parelhas são, mas contam o que li,

o que vi (ou não vi), prestando ouvido
na direção do terceiro partido.
Quem é que vai fundar, que pioneiro,
um que falta; o primeiro e verdadeiro?

Havia de ser bom. Mas como? Onde?
O eco anda maroto, não responde.
E vem-me a tentação, mais uma vez,
de romper estruturas... Um, dois, três:

“Foi em março, ao findar das chuvas, quase à entrada...”
— Mas isto é de Bilac! — Então, adeus... Mais nada.

A BOLSA, O BOLSO

9.V.1971

“À Bolsa!” é o novo grito. A Bolsa, a vida
em milhares de ações reflorescida.
Investir é o *mot d’ordre*. Investimento
com sua rima de financiamento.
A Belgo deu filhote? A Brahma chama?
A Souza Cruz do lucro atíça a flama?
Estou de olho na José Olympio
(Querer uma bolada não é ímpio.)
Discutem dois garotos. Investiram.
No quadro as cotações, atentos, miram.
Aquela é sua, bicho? Ai, antes fosse.
(Ao portador: Vale do Rio Doce.)
Viu mulher investindo? E como investe
em indústrias no Norte e no Nordeste.
Já não fala em dez-mais, em longo e mídi:
é Bradesco, Banespa, BEG e BIDE.
Compre na baixa, venda na alta. Eis tudo
que se exige. De leve, de veludo.
O Banco do Brasil, a Petrobrás
estão enchendo de ouro o meu cabaz.
Que fazer com o excesso de tutu,
de que meu bolso outrora andava nu?
Rumo à Bolsa de Arte, e arrematar
dois Volpi, três Dacosta e mais Guignard,
não esquecendo, é claro, Cavalcanti
(Di), Djanira, Pancetti, *tutti quanti*
couber na cobertura da Lagoa.
Não tenho cobertura? Oh, essa é boa.
Compro-a logo na Barra da Tijuca,

de faz-de-conta, sonho. Minha cuca
vai abrindo outras Bolsas de Valores:
de Glória, de Poder, de Amor-Amores.
A Bolsa de Beleza, a de Romance,
a de Poesia, pelo maior lance.
Ações de tudo. Até de não-agir,
de quedar no Arpoador, calmo, a sorrir.
A Bolsa de Viver em Paz... existe
só na Utopia, que, teimosa, insiste?
Uma Bolsa onde todos os papéis
se despojassem de signos cruéis,
e os bens tivessem nome de Alegria,
de Tolerância como de Harmonia.
Estou pedindo muito. Os pacifistas,
eles próprios, violentos, jogam cristas
com os belicosos. Só me resta, mesmo,
em verso pobre divagar a esmo.
O índice BV (Boa Vontade)
bate de porta em porta na cidade
de muros de granito ou de basalto,
mas quem abre, com medo de um assalto,
nas partes repartidas do planeta
cada vez mais confuso e de veneta?
Enquanto não se adensa tal miragem,
vou também, parafuso na engrenagem,
tentando o meu joguinho. À Bolsa! O bolso,
quero-o bem cheio, múltiplo reembolso.
Que títulos comprar? Aço, tecidos?
Docas, brinquedos, plásticos, sabidos
negócios, ou empresas de futuro?
Não sei se vejo claro ou vejo escuro.
Vale-me, corretor, vale-me, sorte,
nas jogadas de macro ou microporte,
que eu prometo, se acerto na tacada,
a dica fornecer para a moçada,
e fundarei também a minha empresa

de capital aberto, em volta à mesa
de papo ameno e dose bem legal
de escocês dividendo... Então, que tal?

A QUEDA

15.I.1972

Por que caiu o elevado?
Por deficiência do projeto
que falhou no cálculo das tensões
e não previu uma abertura
na laje superior?
Por falta de injeção
de calda de cimento?
Defeito nos aparelhos
de apoio de neoprene?
Artes da fatalidade,
que assume o ônus das catástrofes?
Por culpa de que, de quem
caiu o elevado?
Vai começar a discussão
na batalha judicial.
Os nomes técnicos espocam
em esplendor processional.
Os culpados juram inocência.
Os inocentes serão culpados?

O culpado sou eu, você,
que não sabemos uma palavra
das palavras que cruzam no ar?
Que não cursamos o curso
dos engenheiros,
não fundamos a firma
dos empreiteiros,
não integramos a equipe
dos inspetores,

e assistimos ao desabamento
de um monumento
como uma xícara
caindo das mãos
e cujos cacos
esmagam vidas, fuscas e ônibus
na – ironia –
avenida do nome ilustre
de Frontin?

De quem a culpa? Está-se apurando
entre destroços.
Se cai o resto,
antes de findo o julgamento?
E se não cai,
ficará o colosso mutilado
entre céu e terra
no ofício de fantasma,
apavorando quem passar?

Na paz conquistada
já não correm perigo
os mortos do elevado.
E os vivos?

PRAIA PALMA PAZ

28.X.1972

A paz tenta pousar no Vietname,
mas só depois de cauteloso exame.

Dia após dia, mês seguido a mês,
esvoaça, foge, paira uma outra vez.

Se uma bomba, ao descer, lhe corta o voo?
Se a prendem na gaiola, e vai pro Zoo

como raro animal de espécie extinta?
Se a maculam de alguma negra tinta?

Se, fugindo à natura e sua norma,
lhe pedem que bote ovos de codorna?

Ou mesmo, como de uso no passado,
a depenam e papam num guisado?

Das pombas o destino é muito incerto;
nas sombras o gavião mira, encoberto.

Urso-branco ou falcão? Em cada margem,
Ambição-de-Poder suja a paisagem.

E o povo, qual a pomba, leva as sobras
entre estrondos, trombetas e manobras.

Vamos, meu bem, resolve, enfrenta o risco
de baixar e fazerem-te petisco.

Ninguém topava mais o trololó

desse papo infindável, nem o Jó,

se revivesse, quanto mais a gente,
aqui, ali, no Ocidente ou Oriente,

já cheia dessa estúpida novela
de sadismo, de sangue e de balela.

És pomba de ocasião? Levas no bico
a senha eleitoral do primo rico?

Que importa, se o que importa antes de tudo
é dar folga ao faminto, triste, mudo

civil colhendo a morte onde colhia
o arroz – numa lavoura de agonia.

Ai, chega deste assunto. Olho a palmeira
visitada de raio, e sobranceira

ainda no seu risco vertical,
sereníssima posto que mortal.

Vai-se a inscrição de mármore, mas resta
o longilíneo talhe de floresta.

Salve, princesa-palma, calma linha,
mesmo com a morte a percorrer-te a espinha!

Eis desponta na praia a venusina
miragem de uma esplêndida menina,

melhor dizendo: moça – e de seu busto
desfralda ao sol o panorama agosto.

Horror! beleza! céus! Para tamanha
afronta, a jato chame-se o Façanha!

Quem vai chamar? Quem deixa a areia cálida,
quem, de emoção, não mostra a face pálida?

Vai você. Eu não vou. Eu também não.
Quero ficar aqui na cortiça.

E se o Façanha vem, teleavisado,
talvez, quem sabe? há de ficar parado,

embebido no sonho de beleza,
da graça em flor, de flor da natureza.

Mas atenção, mulheres, a este aviso:
a moda exige um grama de juízo

e, merecendo o belo o meu respeito,
ela só vale pra quem tenha peito.

Apenas se desvende, iluminado,
aquilo que é perfeito, contemplado.

PRÉ-INVERNO

12.V.1973

— E vem um novo inverno todo em vês
ou todo em is? de frio fino e... — Flora!
Este babado de poetar já era.

Agora

a coisa tem que ser assim:

In

ver no par que o ver de
ar pi pila.

— Traduza para mim. — Pois não:
Inverno. Parque. O verde ar pipila.

— Não era o par que pipilava amores
no verde parque?

— Como quiser. O jogo é múltiplo.
Seja também assim:

Noverin pardever que lapipi.

— Parece nome de remédio!

— E daí? Os mais lindos sons da língua
são nomes de remédio, e cobram *royalties*.

Ah, declaro o papo fin-

do, antes que inverno pegue fogo.

Muito melhor ouvir o Tom Jobim

cantar, pianoviolão,

no *Jardim das Rosas*, de sonho e medo,

no clarão das águas, no deserto negro,

enquanto, lerê, lará,

o *Matita Perê* negaceia:

“Eu quero ver, eu quero ver

você me pegar.”

Quem pega Tom Jobim, no *Rancho das Nuvens*,
de *Nuvens Douradas*? Leva *Anna Luísa*
no *Trem para Cordisburgo*. Conta-lhe
a *Crônica da Casa Assassinada*.

Fala de *Milagres e Palhaços*,
e se é *Tempo de Mar*, com Pedrinho de Moraes,
Chora o Coração de Vinicius de Moraes.

Fluem, fluem
as *Águas de Março* e vai fluindo
em poesia rosiana
o límpido som
de Tom,
na palma da mão, cor do Brasil.

Vejo camisolas de algodão
(modelos decotados) nas vitrinas;
frente única de lã, e barriguinhas
de fora, desfilando na calçada.
É um frio maroto, com saudade
do verão, ou o verão reincidente
a infiltrar-se, maroto, neste inverno?
De pés de lã, brotos de Lan
mimam na praia o rito carioca:
(in) verniverão.

O rito?

O mito?

Esta cidade é um tanto periquito
australiano, de assobio colorido
especialmente alegre todo ano,
e faz do pré-inverno pré-estreia
do calor de dezembro a florescer
na rosinha do umbigo das garotas.

Cai um pingo de chuva nesta página?
Salta do solo o Sol e sela a sala

de ouro.

— Não é nada disto (protesta o Poet/Sintético),

Negó seguin:

RIO

RAIO

RISTE

PRAIA

SPRAY

SOL

SAL

SUL

SAL MAIOR

SUL MELHOR

SOL BEMOL

MICROLIRA

16.VI.1973

Festival da Canção

Esta dúvida mordente
eu peço que se esclareça.
Quando a música é mais quente:
com cabeça ou sem cabeça?

Arte

No Salão Moderno
obras se desfazem
antes de exibidas.
Resumo:
são consumidas
em autoconsumo.

Solução

O papagaio atleticano
não vai calar o gol do Galo,
e não é justo nenhum plano
que tenha em mira silenciá-lo.

Evitem, pois, brigas forenses.
Outro projeto, mais certo,
aqui proponho aos cruzeirenses:
É ensinar: “Gol do Cruzeiro”

a um papagaio de igual força.

Haja, entre os dois, uma peleja
em que cada mineiro torça,
e, entre foguetes e cerveja,

o papagaio vitorioso
proclamado seja campeão
desse grato esporte verboso
de que sente falta a Nação.

Trato e distrato

Em Paris, um tratado
gravemente firmado
renova outro tratado
longamente ajustado,
pesado, blablablado,
que tinha estruturado
o muito fofocado
acordo estipulado,
agora validado
e bem atualizado
para ser destratado
por um outro lado
conforme for do agrado
ou não, e emaranhado
o risco do bordado
da guerra do passado,
amanhã retramado.
Tudo bem combinado,
medido e conformado,
eis fica evidenciado:
Todo e qualquer tratado
deve ser observado
como papo-furado.

A renda cortada

Ante o decisório
voto do Supremo,
ai – geme o notário,
no amargor extremo.
Público e notório
o ganho planetário
deste meu cartório?
Sim, mas que precário!

Falta uma cartilha

Problema na pista
Educar pedestre
mais o motorista.
Mas cadê o mestre
que eduque automóvel?

Força do hábito

Em grupo ou sozinho,
em casa ou em viagem,
de avião ou balsa,
Nixon, precavido,
no bolso da calça
leva o aparelhinho
de autoespionagem.

Dúvida

A paz entre os maçons
pede acurado exame.
Será mais complicada
que a paz no Vietname?

Superstição

Por mera precaução
ou velada crendice,
para evitar desgosto
resolve João Brandão:
— Chegando a um alto posto,
serei meu próprio vice.

Enigma

Faço e ninguém me responde
esta perguntinha à toa:
Como pode o peixe vivo
morrer dentro da Lagoa?

NOVA RUA SÃO JOSÉ

11.VIII.1973

Cultivando o prazer de andar a pé,
tiro de meus alforjes lexicais
o mais puro louvor a Gildo Borges,
renovador da Rua São José.

Quem ali passa logo se detém,
senta no banco (banco de sentar,
não de pagar imposto e duplicata)
e escuta, embevecido, uma sonata.

De que piano vem, música errante,
se não vejo instrumento musical?
Vem de sentir no ar essa aliança
entre a cidade e a forma natural.

É pedaço de rua, por enquanto,
mas nele se devolve à criatura
o pouso, a paz, a pomba, o pensamento
de existir, existindo com doçura.

Em seus vasos, a múltipla folhagem,
ainda tímida, pede-nos licença
para nos ofertar sua presença
consoladora do monstro-garagem.

A flor, em flor, na rua – que convite
ao passante angustiado: “Para um pouco.
Dez ou quinze minutos de *far niente*
e voltarás depois ao mundo louco.

Mas voltarás de cuca restaurada,
alma leve, levando na lembrança
um bailado de asas e a dourada
alegria da hora lenta e mansa.

Aqui não te perseguem carro trêfego,
maléfica fumaça, rumor túrbido,
aqui encontrarás paradisíaca
pasárgada de pobre e milionário.

Aqui é teu domínio; aqui és rei
de teu nariz, das nuvens e das aves,
e fruirás o simples estar quieto,
erigindo o *relax* em tua lei.”

Assim murmura a flor, e corre a brisa,
“Apoiado”, ciciando ao perpassar,
enquanto São José, na sua igreja,
e Tiradentes põem-se a meditar

(pois estátua medita) e os dois reunidos
aprovam Gildo Borges e seu sonho
de tornar a cidade mais humana
e cada ser humano mais humano.

TEXTOS MÍNIMOS

8.IX.1973

Cariocas
do alto do Pão de Açúcar
40 casais de turistas
vos contemplam sem História.

De repente fica na moda
não estar na moda.
Torna-se impossível
estar, estando.

Arrependido
o ladrão devolveu
aquele quadro falso do Museu.

O sino da igreja desabada
caído no chão
repica em silêncio.
Cada badalada
cria a procissão.

Gosto tanto de ir ao teatro
que por amor ao teatro
vê lá se vou ao teatro.

Solto na jaula
o tigre observa
o Jardim Zoológico
do mundo.

Chovia tanto tanto

naquele reino da Ásia
que a chuva dissolveu
o rei com seu palácio e suas leis.

Arte dos 70:
sacramento
do excremento.

Declara o cientista
que floresta não presta
e no seu lugar
plante-se capim.
Teremos, a perder de vista,
no capinzal da Amazônia,
o pasto da ciência?

Assim termina
o autopoema:
A poesia é necessária,
mas o poeta, será?

— O senhor cultivava
epigramas?
— Não, só a grama
do meu jardim.

Última palavra
em computador:
o anticomputador.

A bomba francesa
detonada longe
da *doulce* France
é uma garantia
para quem escapa
e sendo turista
respira e deduz:

Paris intacta
continua sendo
a Cidade-Luz.

Quando acabarem de consertar
este atrapalhado Rio de Janeiro
haverá morador
para o prazer de morar nele?
E haverá morada
para o morador?

Cartão de identidade
(informa o broto cintilante)
não levo comigo.
Acho bastante
o umbigo.

A casa, na avenida,
postou-se no rumo
do automóvel.
Quem mandou ser distraída?

Se as nações alinhadas
perdem a linha,
fazem cada papel,
prefiro Tia Miquinha
alegre desalinhada,
revel.

O dono do Sítio Paraíso
derrubou a mata
mas ecologicamente
comprou uma gravata
verde.

O garoto curioso
pergunta:

No Colégio Eleitoral
haverá prova pública
pelo audiovisual,
ou simples aprovação
por antecipação?

NOTÍCIAS DE JANEIRO

19.I.1974

Janeiro:
preparo lento e longo combimed
o coração batendo comcitec
nervos elétricos comsart
na geografia
que o Rio transformou em Cesgranrio.
Janeiro, estoura o grito
de euforia em frente ao gabarito
ou o morder de lábios do malogro
que o computador tritura em números.
(Computador: cara moderna do destino.)
Janeiro, o ano inteiro
a repetir os jogos malabares
da arte de decifrar em amarelo
rosa verde azul e cor de angústia
a quáintupla verônica da esfinge?
Janeiro, me levaste
(ah, não foi justo este começo de ano)
o mais jovem poeta brasileiro,
aquele que ia sempre mariscando
dentro do verso um outro verso
não verso, exato signo
no campo visual onde o poema
envolve em sua luz a linha livre.

Caríssimo Cassiano
Ricardo em Lourdes completado,
sutil denunciador
de nossa condição sobrevivente

à espera de nascer
como nasce a caviúna
de sua própria raiz,
solene anunciador
da infância futura.

Requintaste, janeiro, em desfalcar-nos,
e já nos levas outro: Nilo Aparecida,
poeta-concha, quase silencioso
conversador da Rua São José
(ou sua concha era o castelo do soneto
despojado de enxúndias parnasianas,
objeto sereno e cristalino?).

Outras faltas prometes, e já vejo
um ano despojado de matérias-
primas, ano de tanga
ou sem ela. Faltará também amor,
essa matéria-prima entre as mais primas,
que resume em rondó todas as rimas?
Faltará ao encontro a namorada
como à vista faltou o Kohoutek?
Juízo faltará... ou já faltava,
e a gente nem sequer desconfiava?

Não me falem ao menos os crepúsculos
no salso belvedere do Arpoador,
mesmo que eu lá não vá; quero saber
do ir e vir de gaivotas, e da tarde
pousando sobre a espuma em leque de íris.

Quero, 74, ter a graça
de ver uma rolinha visitar
a janela e, chegando entre meus livros
e o rosto de Baudelaire por Manet
gravado (que é presente de uma amiga),

sair sem censurar que perdi tempo,
meu tempo consumindo entre aparências
de sombras, palpitantes nessas páginas.

O que te peço? Umas pequenas coisas,
independentes de poder ou guerra,
umas coloridas, outras brancas,
todas leves, levíssimas, no vento...
Ora, atende-me, pois; vê se te mancas.

CARNAVAL CHEGANDO

9.II.1974

A vitória

A Escola de Samba Unidos da Floresta
— já ganhou! já ganhou!
desponta garbosíssima, sem medo,
na Avenida Antônio Carlos
entre cadáveres de árvores.
Vence todos os quesitos e esquisitos
(outros mais, se inventassem, venceria)
com seu maravilhoso samba-enredo:
Amor, Todo o Amor à Ecologia.

Turista

— Que dura arquibancada! Este protesta.
Ver o desfile, assim, castiga o corpo...
E o corpo, de sabido, lhe retruca:
— Não é melhor ficar fazendo sesta
naquele hotel da Barra da Tijuca?

Tantos anos depois

O velho político pessedista
nascido perremista
observa, satisfeito,
e pisca o olho, triunfante:
— Agora, lavo o peito.
Vivi bastante
para ver Getúlio Vargas

entregar o poder a Antônio Carlos.

Confidência

— Qual a sua fantasia para o baile do Municipal?

— A você (mas não espalhe) eu digo.

Vai ser a mais original.

Esconderei completamente o umbigo.

Previsão

Qualquer dia

decide o fisco:

Passistas

bateristas

destaques

mestres-salas

porta-estandartes

trabalhadores autônomos

da folia

devem pagar imposto de alegria.

Lacuna carioca

Carece urgentemente construir

larguíssima avenida, reservada

aos caprichosos passos do ir e vir

não de pedestres, mas da batucada.

Pronunciamento

— Caro mestre estruturalista,

pode dizer-me, porventura,

se há perigo aqui na pista,

de me esmagar, a uma lufada,

a estrutura da arquibancada?
— Isso depende (e eu digo antes
que Barthes ponha numa escritura)
da radotagem dos actantes
como também (partes iguais)
de isotomias fundamentais
verbalizadas quando o problema
dribla o sema e chega ao semema
pela leitura sintagmática
de monemas paradigmáticos...
Morou, ignaro?
— Perfeito, claro. O mestre dava
para letrista de samba-enredo.

ESPARSOS DE 1976

Rios de Petrópolis

A poluição faz rios coloridos.
Não é tão feia assim. Como atração
reproduz, em matizes escolhidos,
as belas cores da televisão.

*

Mais uma

Novo serviço tacar fogo
mediante módico estipêndio.
Se já pagamos taxa d'água,
vamos pagar taxa de incêndio.

*

Propaganda eleitoral

Na TV, só teu retrato,
com teu número e teu nome.
Serás mesmo candidato
ou simples sombra que some?

*

Aniversário

Ó Palácio da Cultura!
Quem te viu e quem te vê,
tão desfigurado, jura

fitar, nesse miserê,
a tua caricatura.

*

Candidato

Se sai o tabelamento
de artigos alimentícios,
requeiro neste momento
gozar de seus benefícios

não para baixar o preço
das coisas essenciais,
mas para entrar sem tropeço
no batalhão dos fiscais.

*

150 anos da Câmara dos Deputados

É rima difícil Câmara
e controvérsia ilimitada.
A mais tentadora tâmara
perde o sabor quando enlatada.

*

Repetição

Aumenta o salário mínimo?
O custo de vida, máximo,
torna o mínimo mais mínimo
criando o mínimo máximo.

*

Comércio da privacidade

Mas esta é a velha Garbo, seminua
assim na praia, lamentavelmente?
Não. O retrato, em que a maldade estua,
é da alma do fotógrafo, somente.

CONVERSA DE AMIGOS

6.XII.1977

— Meu capitão, alvíssaras! O AI-5
vai ser cassado, e tudo fica brinco

na vida brasileira: uma só lei
que defenda e proteja toda a grei

sem o estranho fantasma dessa Carta
roída pelo apêndice-lagarta.

— Boas falas, amigo. Celebremos
o sol da liberdade, com extremos

de carinho e fervor, que bem merece
o seu raiar, depois de tanta prece,

tanto esperar e tanto renunciar,
entre crer e descrer e duvidar

e voltar a insistir, em pensamento,
em palavra e silêncio, contra o vento.

Quer dizer que amanhã já temos novo
estatuto ditado pelo povo?

— Bem. Não é tanto assim. Foi dado o mote,
mas não vá com tanta sede ao pote.

Carece ter cuidado, jeito e calma,
não esmoreça e nem tropece a alma...

Capítulo importante: salvaguardas

que sejam eficazes qual bombardas,

mas não venham, com pinta diferente,
mascarar o AI-5 eternamente.

— Estou contigo. Em dose pra leão
qualquer remédio acaba com a Nação.

Mas há os “homens bons”, e com cautela
os vai ouvindo o Senador Portela.

De todas essas vozes concordantes,
uníssonas em pedir o quanto antes

o regresso ao estado de direito
(aspiração ardente em cada peito),

há de surgir a fórmula correta
que não seja de mágico ou de poeta,

capaz de garantir a liberdade
com sua irmã – responsabilidade.

Deve ser forte o Estado? Também forte
que seja o cidadão, de Sul a Norte,

consciente, vibrante, em sua fé,
escolhendo melhor do que Pelé.

Aguardemos portanto, na vigília
de toda gente: em forma de família.

E que me contas mais? Outros assuntos?
— Não sei se deva pô-los assim juntos.

Enfim, grande lição vem de Israel
e do Egito, que, surdos ao tropel

de interesses guerreiros e rancores,
curam velhas feridas, velhas dores,

seguindo no bordado da esperança
de um futuro de luz e de bonança.

De Carnaval já vejo indícios mil
aqui no Rio: erige-se o perfil

de arquibancadas para o grande samba
daqui a meses... — Cáspite, caramba!

— O mais importa pouco. Mil buracos?
A gente se acostuma, e volta, aos cacos,

para casa, escapando dos assaltos
(uns escapam), driblando os sobressaltos

do moderno viver, tão mais gostoso
quanto mais o sentimos pavoroso.

— Não sejas tão azedo. Olha, o Natal
já vem pintando... e é o maior Sinal.

FOI-SE A COPA?

24.VI.1978

Foi-se a Copa? Não faz mal.
Adeus chutes e sistemas.
A gente pode, afinal,
cuidar de nossos problemas.

Faltou inflação de pontos?
Perdura a inflação de fato.
Deixaremos de ser tontos
se chutarmos no alvo exato.

O povo, noutra torneio,
havendo tenacidade,
ganhará, rijo, e de cheio,
a Copa da Liberdade.

CONVERSA COM O LIXEIRO

17.II.1979

Amigo lixeiro, mais paciência.
Você não pode fazer greve.
Não lhe falaram isto, pela voz
do seu prudente Sindicato?
Não sabe que sua pá de lixo
é essencial à segurança nacional?
A lei o diz (decreto-lei
que nem sei se pode assim chamar-se,
em todo caso papel forte,
papel assustador). Tome cuidado,
lixeiro camarada, e pegue a pá,
me remova depressa este monturo
que ofende a minha vista e o meu olfato.
Você já pensou que descalabro,
que injustiça ao nosso *status* ipanêmico,
lebloniano, sanconrádico, barramárico,
se as calçadas da Vieira Souto e outras conspícuas
vias de alto coturno continuarem
repletas de pacotes, latões e sacos plásticos
(estes, embora azuis), anunciando
uma outra e feia festa: a da decomposição
mor das coisas do nosso tempo,
orgulhoso de técnica e de *cleaning*?
Ah, que feio, meu querido,
esse irmanar de ruas, avenidas,
becos, bulevares, vielas e betesgas e tatatá
do nosso Rio tão turístico
e tão compartimentado socialmente,
na mesma chave de perfume intenso

que Lanvin jamais assinaria!
Veja você, meu caro irrefletido:
a Rua Cata-Piolho, em Deus-me-livre,
equiparada à Atlântica Avenida
(ou esta àquela)
por idêntico cheiro e as mesmas moscas
sartrianamente varejando,
os restos tão diversos uns dos outros,
como se até nos restos não houvesse
a diferença que vai do lixo ao luxo!
Há lixo e lixo, meu lixeiro.
O lixo comercial é bem distinto
do lixo residencial, e este, complexo,
oferece os mais vários atrativos
a quem sequer tem lixo a jogar fora.
Ouço falar que tudo se resume
em você ganhar um pouco mais
de mínimos salários.
Ora essa, rapaz: já não lhe basta
ser o confiável serviçal
a que o Rio confere a alta missão
de sumir com seus podres, contribuindo
para que nossa imagem se redoure
de graças mil sob este céu de anil?
Vamos, aperte mais o cinto,
se o tiver (barbante mesmo serve),
e pense na cidade, nos seus mitos
que cumpre manter asseados e luzidos.
Não me faça mais greve, irmão-lixeiro.
Eu sei que há pouco pão e muita pá,
e nem sempre ou jamais se encontram dólares,
joias, letras de câmbio e outros milagres
no aterro sanitário.
E daí? Você tem a ginga, o molejo necessários
para tirar de letra um samba caprichado
naqueles comerciais de televisão,

e ganhar com isto o seu cachê
fazendo frente ao torniquete
da inflação.

Pelo que, prezadíssimo lixeiro,
estamos conversados e entendidos:
você já sabe que é essencial
à segurança nacional
e, por que não? à segurança multinacional.

RIO EM FLOR DE JANEIRO

22.I.1980

A gente passa, a gente olha, a gente para
e se extasia.

Que aconteceu com esta cidade
da noite para o dia?

O Rio de Janeiro virou flor
nas praças, nos jardins dos edifícios,
no Parque do Flamengo nem se fala:
é flor é flor é flor,
uma soberba flor por sobre todas,
e a ela rendo meu tributo apaixonado.

Pergunto o nome, ninguém sabe. Quem responde
é Baby Vignoli, é Léa Távora.

(Homem nenhum sabe nomes vegetais,
porém mulher se liga à natureza
em raízes, semente, fruto e ninho.)

Iúca! Iúca, meu amor deste verão
que melhor se chamara primavera.

Yucca gloriosa, mexicana
dádiva aos canteiros cariocas.

Em toda parte a vejo. Em Botafogo,
Tijuca, Centro, Ipanema, Paquetá,
a ostentar panículas de pérola,
erectos lampadários, urnas santas,
de majestade simples. Tão rainha,
deixa-se florir no alto, coroando
folhas pontiagudas e pungentes.

A gente olha, a gente estaca

e logo uma porção de nomes populares
brota da ignorância de nós todos.
Essa gorda baiana me sorri:
— Círio de Nossa Senhora... (ou de Iemanjá?)
— Vela de pureza, outra acrescenta.
— Lanceta é que se chama. — Não, baioneta.
— Baioneta espanhola, não sabia?
E a flor, que era anônima em sua glória,
toda se entreflora de etiquetas.

Deixemo-la reinar. Sua presença
é mel e pão de sonho para os olhos.
Não esqueçamos, gente, os *flamboyants*
que em toda a sua pompa se engalanam
aqui, ali, no Rio flóreo.
Nem a dourada acácia,
nem a mimosa nívea ou rósea espierradeira,
esse adágio lilás do manacá,
esse luxo do ipê que nem-te-conto,
mais a vermelha aparição
dos brincos-de-princesa nos jardins
onde a banida cor volta a imperar.

Isto é janeiro e é Rio de Janeiro
janeiramente flor por todo lado.
Você já viu? Você já reparou?
Andou mais devagar, para curtir
essa inefável fonte de prazer:
a forma organizada
rigorosa
esculpintura da natureza em festa, puro agrado
da Terra para os homens e mulheres
que faz do mundo obra de arte
total universal, para quem sabe
(e é tão simples)
ver?

VER E OUVIR, SEM BRINCAR

16.II.1980

Ninguém pergunta mais
— Você vai brincar no carnaval?
Brincar, irmão, quem pode brincar
se perdida foi a ideia de brinquedo?
Alguns ainda perguntam:
— Como é? Vai pular no carnaval?

Então é isso a festa: um pulo
e outro pulo e mais outro? Neste caso,
campeoníssimo seria o João do Pulo.
O que ouço dizer é simplesmente:
— Vai ver o carnaval?
Conclusão, ano 80:
Carnaval
é o visual.

Você não brinca mais,
nem mesmo pula mais
na rua hoje deserta, no salão
onde um suor se liga a outro suor
e ar condicionado é falta de ar.
Que pode o folião? Acaso existe ainda,
e funciona, essa palavra folião?
Folia, antiga dança rápida
que o adufe acompanha, no dizer
de sábio, antigo, dicionário.
Quem me dança a folia, quem folia,
quem *fol* ou *fou*, *folâtre*, *folichon*, *folle*,
fool, pratica o foliar?

Ah, sim, o sambista e sua escola
foliando para turistas e a distinta
Comissão Julgadora. Pontos! Pontos!
Quesitos mais quesitos! Briga feia
nessa programação oficial
que garimpa e governa o carnaval.
Foliam para os outros. Não foliam
pelo gosto,
pela graça,
pelo orgasmo de foliar, loucura santa,
desabrochar do corpo em rosa súbita,
em penacho, batuque, diabo, mico,
chama, cometa, esguicho, gargalhada,
a cambalhota em si, o riso puro,
o puro libertar-se da prisão
que cada um carrega em sua liberdade
vigiada, medida, escriturada.

Então pego uma sobra, vou olhar,
ouvir
a cor, o som, o balancê padronizado
que rioturisticamente se oferece
ao mercado da vista e dos ouvidos.
Eu vejo, não me integro,
não participo, não sou o grande todo,
nem o grande todo é mesmo todo e tudo.
Entre o olho e o desfile,
a arquibancada corta o meu impulso
de ser um com eles, ir com eles
pela rua afora,
pelo sonho afora.

A rua, onde ficou
a velha rua, seu espaço de brincar,
seu aberto salão a céu aberto,
sem entrada paga, sem cambistas

e fiscais?

O carnaval é rua, não teatro,
não *show*, produto industrial
monumental
a ser consumido numa noite
de lenta evolução
e classes divididas
pelo respeitável público pagante.
Como comprar, como pagar
o que não tem preço e chama-se
alegria?

BRINQUEDOS PARA HOMENS

28.VI.1980

Embora eu seja adulto,
não me seduzem os brinquedos eletrônicos
que a moda, irônica, me oferece.

E excogito:

Que brinquedo inventar para o adulto,
privativo dele, sangue e riso dele,
brinquedo desenganado mas eficiente?

Tenho de inventar o meu brinquedo,
mola saltando no meu íntimo,
alegria gerada por mim mesmo,
e fácil, fluida, pluma,
pétala.

Sem o pedir às máquinas e aos deuses,
que cada um invente o seu brinquedo.

A EXCITANTE FILA DO FEIJÃO

25.X.1980

Larga, poeta, a mesa de escritório,
esquece a poesia burocrática
e vai cedinho à fila do feijão.

Cedinho, eu disse? Vai, mas é de véspera,
seja noite de estrela ou chuva grossa,
e sem certeza de trazer dois quilos.

Certeza não terás, mas esperança
(que substitui, em qualquer caso, tudo),
uma espera-esperança de dez horas.

Dez, doze ou mais: o tempo não importa
quando aperta o desejo brasileiro
de ter no prato a preta, amiga vagem.

Camburões, patrulhinhas te protegem
e gás lacrimogêneo facilita
o ato de comprar a tua cota.

Se levas cassetete na cabeça
ou no braço, nas costas, na virilha,
não o leves a mal: é por teu bem.

O feijão é de todos, em princípio,
tal como a liberdade, o amor, o ar.
Mas há que conquistá-lo a teus irmãos.

Bocas oitenta mil vão disputando
cada manhã o que somente chega

para de vinte mil matar a gula.

Insiste, não desistas: amanhã
outros vinte mil quilos em pacotes
serão distribuídos dessa forma.

A conta-gotas vai-se escoando o estoque
armazenado nos porões do Estado.
Assim não falta nunca feijão-preto

(embora falte sempre nas panelas).
Método esconde-pinga: não percebes
que ele torna excitante a tua busca?

Supermercados erguem barricadas
contra esse teu projeto de comer.
Há gritos, há desmaios, há prisões,

suspense à la Hitchcock ante as cerradas
portas de bronze, guardas do escondido
papilionáceo grão que ambicionas.

É a grande aventura oferecida
ao morno cotidiano em que vegetas.
Instante de vibrar, curtir a vida

na dimensão dramática da luta
por um ideal pedestre mas autêntico:
Feijão! Feijão, ao menos um tiquinho!

Caldinho de feijão para as crianças...
Feijoada, essa não: é sonho puro,
mas um feijão modesto e camarada

que lembre os tempos tão desmoronados
em que ele florescia atrás da casa
sem o olho normativo da Cobal.

Se nada conseguires... tudo bem.
Esperar é que vale – o povo sabe
enquanto leva as suas bordoadas.

Larga, poeta, o verso comedido,
a paz do teu jardim vocabular,
e vai sofrer na fila do feijão.

A AMIGA VOLTOU

17.I.1981

Muitas promessas não foram cumpridas nos últimos doze meses.
Eu mesmo, ativo cobrador de promessas,
terei prometido e faltado
no mínimo sete vezes por semana
e, o que é pior,
ostentando indefectível cara de pau.
Homens enganaram homens e mulheres
com voz de flauta doce:
“Vou fazer isso, vou fazer aquilo,
vocês têm de confiar neste compatriota...”
Fez? Pois sim, seu Serafim.

Mas essa amiga prometeu e cumpriu:
“*Tou de volta em janeiro.*”
E tá. No Parque do Flamengo;
como anunciara. E um pouco
por toda parte: Iúca
e sua branca floração em cachos.

Temia que não viesses mais,
Iúca. As coisas andam pretas,
e tuas alvas panículas contrastantes
com o negro sobreceño
deste Rio assustado
podiam parecer provocação.
Mas sorriste do medo.
Chegaste, amiga nossa,
pontual,
lirial,

janeiramente abril.

É consolo, conforto
saber que não mudaste
e restauras em nós a matutina esperança
de ter um dia bonito à nossa frente.
Pronto, ganhei o dia,
só de te ver e de beijar com os olhos
tua florada em forma de turíbulo
ou lâmpada suspensa.

Assim fazem as plantas,
honradas, tranquilas companheiras
neste viver em grupo, conturbado.
Não seguem portarias
nem do Banco Central nem do Conselho
Interministerial de Preços Altos.
Têm seu próprio destino prefixado
(não correção incerta monetária),
e a ele são fiéis. Fiel Iúca,
a trabalhar de graça para os pobres
olhos da população carente de feijão,
de sossego, de carne e de carinho.
Não tens partido, entre os partidos
tão repartidos que hoje se emaranham
na tentativa de comprar o passe
de partidários outros e volúveis.
Iúca, tua glória
não resulta de novelas
nem de estádios, palácios, ministérios
de trombeteada fama nacional.
És apenas tu mesma, arbusto digno
que promete florir e cumpre
na hora certa o verde prometido.

Muito obrigado, amiga.

Eu precisava bem deste reencontro.
Nós precisávamos bem deste reencontro.
A folha de rija ponta espiniforme
não molesta ninguém: prepara a flor
inumerável, ofertada
ao dia brasileiro angustiado.

LIQUIDAÇÃO DE INVERNO

1.VIII.1981

Olha o ajuntamento na calçada,
o bolo humano denso, silencioso,
a paralisia coletiva...
Que foi que aconteceu?
Crime, suicídio, bomba, um novo deus?

Calma, não te assustes.
Precisas acostumar-te com a cidade
e seus ritos pendulares.
Não viste nos jornais aquele grito
e nas vitrinas as vermelhas tiras
anunciando em voz e cifra
Liquidação
Liquidação?

Agora vejo que esse grupo
indecifrado logo se esclarece.
Homem nenhum, ou quase. Só mulheres,
pois só mulheres sabem quando é hora
de (formigas) comprar para guardar.

A porta está fechada? Mas no aquário
de lãs tricôs camurças couros
quatro consumidoras são servidas,
outras quatro, cá fora, esperam vez.
Esperar resignado
de quem sabe que tudo anda difícil
e até os ossos do festim
têm que ser disputados como pérolas.

Outras quatro mais quatro vão entrando
no longo dia lento, frio.
O casaco de acrílico de 1000
961 por 900
e 84, uma pechincha. A calça *jeans*
para menina, a camisola, a jardineira,
meu Deus, o casacão, o *plush*,
tudo ficou barato de repente
ou dá a ilusão de ser barato,
convida, chama, intima:
Me compra rapidinho, enquanto o inverno
faz que vai mas não vai, e está gelado
o corpo, o quarto, o amor e tudo mais.

Liquidação, palavra mágica,
seu fundo de negrume e seu clarão.
Liquida-se um império,
uma política, um chefe, uma doutrina,
e nas vazias prateleiras outras formas
se acumulam, aguardam
o tempo de murchar, o despreço
do preço baixo, a remarcada
voga da estação, como se tudo
durasse um quarto de ano: juramentos,
códigos, angústias, braceletes,
sandálias, planos...
E dura, e dura mais?

... e seu clarão.
Liquidadas as modas sazonais,
restaura-se a esperança na vitrina.
O jogo do futuro nos cativa.
A primavera, juro, vai trazer
o inolvidável prêmio de existir.
Seremos todos jovens. Ninguém mais
se lançará da ponte, ou traficâncias

fará contra a sorte dos humildes.
Todos serão humildes, na alegria
de um tempo verdejante...

Calma, não sonhes tanto.
Liquidação é apenas
porta deixando passar
compradores de saldos.
Se queres o brinquedo
de jogar com palavras, preferível
esta, que te dou entre dois goles
de papo vespertino: liquidâmbar.
Gostaste? Seu odor resinoso
o nariz te penetra e reconforta
a poluída garganta? Esquece, esquece
as liquidações que não liquidam
a carga de injustiça e desamor
pairante sobre a vida,
seja inverno ou verão, outono ou primavera.

TEMPO DE IPÊ

11.VIII.1981

Não quero saber de IPM, quero saber de IP.
O M que se acrescentar não será militar,
será de Maravilha.
Estou abençoando a terra pela alegria do ipê.
Mesmo roxo, o ipê me transporta ao círculo da alegria,
onde encontro, dadivoso, o ipê-amarelo.
Este me dá as boas-vindas e apresenta:
— Aqui é o ipê-rosa.
Mais adiante, seu irmão, o ipê-branco.
Entre os ipês de agosto que deveriam ser de outubro
mas tiveram pena de nós e se anteciparam
para que o Rio não sofresse de desamor, tumulto, inflação,
mortes.
Sou um homem dissolvido na natureza.
Estou florescendo em todos os ipês.
Estou bêbado de cores de ipê, estou alcançando
a mais alta copa do mais alto ipê do Corcovado.
Não me façam voltar ao chão,
não me chamem, não me telefonem, não me deem
dinheiro,
quero viver em bráctea, racemo, panícula, umbela.
Este é tempo de ipê. Tempo de glória.

AQUI HAVIA UMA PRAÇA

25.VIII.1981

A Praça da Estação em Belo Horizonte,
duas vezes a conheci: antes e depois das rosas.
Era a mesma praça, com a mesma dignidade,
o mesmo recado para os forasteiros:

“Esta cidade é uma promessa de conhecimento,
talvez de amor.”

A segunda Estação da Central, inaugurada por Epitácio,
o Monumento do Starace, encomendado por Antônio Carlos,
são feios? São belos?

São linhas de um rosto, marcas de vida.

A praça de entrada de Belo Horizonte,
mesmo esquecida, mesmo abandonada pelos Poderes Públicos,
conta pra gente uma história pioneira
de homens antigos criando realidades novas.

É uma praça – forma de permanência no tempo –
e merece respeito.

Agora querem levar para lá o metrô de superfície.
Querem massacrar a memória urbana, alma da cidade,
num de seus últimos pontos sensíveis e visíveis.

Esvoaça crocitante sobre a Praça da Estação
o Metrobel decibel a granel sem quartel.

Planejadores oficiais insistem em fazer de Belo Horizonte
linda linda linda de embalar saudade
mais uma triste anticidade.

SALÁRIO

28.V.1983

Ó que lance extraordinário
aumentou o meu salário
e o custo de vida, vário,
muito acima do ordinário,
por milagre monetário
deu um salto planetário.
Não entendo o noticiário.
Sou um simples operário,
escravo de ponto e horário,
sou caxias voluntário
de rendimento precário,
nível de vida sumário,
para não dizer primário,
e cerzido vestuário.
Não sou nada perdulário,
muito menos salafrário,
é limpo meu prontuário,
jamais avancei no Erário,
não festejo aniversário
e em meu sufoco diário
de emudecido canário,
navegante solitário,
sob o peso tributário,
me falta vocabulário
para um triste comentário.
Mas que lance extraordinário:
com o aumento de salário,
aumentou o meu calvário!

O POEMA DA BAHIA QUE NÃO FOI ESCRITO

Um dia – faz muito, muito tempo –
achei que era imperativo fazer um poema sobre a Bahia,
mãe de nós todos, amante crespada de nós todos.
Mas eu nunca tinha visto, sentido, pisado, dormido, amado a Bahia.
Ela era para mim um desenho no atlas,
onde nomes brincavam de me chamar:
Boninal,
Gentio do Ouro,
Palmas do Monte Alto,
Quijingue,
Xiquexique,
Andorinha.
— Vem... me diziam os nomes, ora doces.
— Vem! ora enérgicos ordenavam.
Não fui.
Deixei fugir a minha mocidade,
deixei passar o espírito de viagem,
sem o qual é vão percorrer as sete partidas do mundo.
Ou por outra, comecei a viajar por dentro, à minha maneira.
Ainda carece fazer poema sobre a Bahia?
Não.

A Bahia ficou sendo para mim
poema natural
respirável
bebível
comível
sem necessidade de fonemas.

SONETOS HEREDIANOS

I

Era bom traduzir os sonetos de Herédia
a poder de martelo, altas horas da noite.
No suplício da forma um sabor de comédia
testará o animal que na treva se acoite.

O desfecho (in)feliz envolve-se na média
de galas esmagadas. Qualquer um que se afoite
nos meandros do *mot* há de soltar as rédeas
ao cavalo interior, carente de pernoite.

A língua, inda sangrando em cacos de palavras
que jamais tornarão à virtude primeira,
pergunta (ou quase que), após servido o chá.

E o bardo, recalcando aporias escravas,
silente se recolhe à fuma derradeira.
Ninguém que responda: Herédia ou Herediá?

II

A concha de Heredia encanta e contagia
o brasílio Parnaso. O verbo alexandrino
reluz em facho de ouro, e a noite se faz dia
por artes do cantor e seu sabor ladino.

Ingrato, o nosso idioma, e por isso mais fino
o triunfo verbal que ao público extasia:
vulva *frêle et navrée*, num lance cristalino,
expõe-se, esplendorosa, em sua plena magia.

Palmas ao tradutor, esforçado xavante,
guarani culto e sábio ou famoso tupi,
mestre no deglutir, em quarteto e terceto,

o sol, o sal, a cor que iguais eu nunca vi,
embora o nosso herói se confesse ofegante
depois de haver parido um alheio soneto.

POSFÁCIO
DRUMMOND E O AMOR DERRADEIRO
POR BRUNO GAMBAROTTO

Há alguma passagem em que Drummond diz ser o conhecimento do amor um prêmio da velhice. O autor deste posfácio não recorda qual. Em *Amar se aprende amando*, Drummond lança mão de belas imagens da velhice, muitas benfazejas, outras melancólicas, mas nada que se aproxime de tamanhos louros. Percorrendo a drummondiana caseira (e remoendo arrependimentos em algumas ausências...), ocorreu-me a certa altura estar um pouco contaminado pelo espírito do livro a respeito do qual fui convidado a escrever, e, ao reler alguns poemas em que amor e velhice se conjugavam, pensei na verdade ter sido traído por memórias mal cristalizadas de outros poemas. Entretido em minha busca, cheguei a pensar que me enganava com uma falsa lembrança de “Campo de flores”, invenção lavada de todo o ressaibo que marca o poema e lhe confere o furta-cor de um duro sentimento entre a bênção e o acometimento, a felicidade e o cansaço, a delicadeza e a aspereza. “[...] rosa indecisa / a tirar sua cor dessas chamas extintas”, o poema invoca ali um “amor crepuscular”, amor sob o signo do desencanto, quando “não há jardim” e “as flores nascem de um / secreto investimento em formas improváveis”.¹ O amor de *Claro enigma* é ferido, brota em meio ao fel e aos desejos contritos de uma velhice ainda muito mais do enunciado que da vivência e cuja irritação sugere, nos translúcidos cristais que se formam ao sabor da oficina recolhida do mundo, os temores da vida em falso e, em última análise (vide o embotado “contentamento de escrever” de “Remissão”, “enquanto o tempo, e suas formas breves / ou longas, que sutil interpretavas, / se evapora no fundo de teu ser?”),² de uma senil e trágica melancolia. Nos olhos do octogenário que, em 1985, lança este *Amar se aprende amando*, o último passo do mais generoso e imenso percurso poético produzido nesta nossa língua brasileira, a velhice e o amor conhecem enlace distinto.

Falo em enlace, pois, teimando em tirar à memória a pecha de apócrifa, reencontrei-me com outro poeta em seu momento de celebração da aliança entre amor e madureza. É de William Carlos Williams o belo “A coroa de hera”, poema de coletânea igualmente dedicada ao amor (*Journey to Love*, de 1955). Dele, destaco a passagem: “Crianças colhem flores. / Deixe que colham. / Por mais que as tenham / nas mãos, / não sabem o que fazer delas / além de despedaçá-las / à beira do abismo”.³ A relação entre o juvenil “amor a pino” – cruel, egoísta, no mínimo cego de luz – do poema de Williams e os sentimentos do casal maduro,

sempre cuidadoso “em conservar o prêmio” (não era *esse* o prêmio que buscava...) “na ponta dos dedos”, ilumina uma distinção importante da tópica amorosa no poeta mineiro. Drummond consagrou-se, antes de tudo, como poeta do *desejo* – do beija-não-beija, de saias erguidas e óculos perdidos, de mãos que se conversam, da sede infinita, do coração afogado em paixão. Em seu bojo de crueldades e egoísmos, a paixão exhibe uma face via de regra bem-humorada do descompasso entre sujeito e mundo, tema que ganha corpo ao longo dos primeiros livros, chegando aos extremos de uma utopia de entendimento sob o signo da solidariedade (*A rosa do povo*) e, dada a desilusão, de um encrespado ensimesmamento (*Claro enigma*). Sobrevivente dos próprios carpimentos e, ainda sensível ao mundo ao redor, o poeta realiza sutis, porém significativas, mudanças de rota. No parágrafo final da nota que abre a primeira edição de *Lição de coisas* (1962), Drummond sugere a nova direção:

O mundo de sempre, com problemas de hoje, está inevitavelmente projetado nestas páginas. O autor participante de *A rosa do povo*, a quem os acontecimentos acabaram entediando, sente-se de novo ofendido por eles, e, sem motivos para esperança, usa entretanto essa extraordinária palavra, talvez para que ela não seja de todo abolida de um texto de nossa época.⁴

O *estado* de esperança (que *sentimento*, outra palavra cara a Drummond, não é) não se mistura tão bem ao desejo. O extraordinário da esperança é tão visível em sua entrega a um mundo que não se constata menos caduco quanto, subentende-se, no altruísmo do gesto bastante – que sublima a falta que antes mobilizava o poeta sob a forma de uma autonomia do movimento, que se projeta sobre a paisagem social, outrora grande palco da luta particular, e a ela se entrega. Quero dizer: o que antes se consome nos labirintos do ser e do existir agora se curva reflexivo ante o exterior; o que antes é ímpeto de tomada do outro se converte em oferta e dádiva; o que antes é a lacuna a incendiar afetos aqui se manifesta (aproximando a esperança drummondiana de expressão cara a um contemporâneo do poeta, Vinicius de Moraes) arte do encontro. O primado da paixão jovial – e das amargas cinzas que dela resultam – dá lugar ao entendimento do amor maduro, e, com ele, a novos interesses de assunto e novas maneiras de expressão.

Se é difícil compreender esse ressurgimento “na concha ultramarina do amar”, tampouco é fácil saber onde começa a velhice em Drummond. O Brasil conhece

um respeitável rol de eternos velhos – Otto Lara Resende, Nelson Rodrigues, Mário Lago, Alceu Amoroso Lima, Oscar Niemeyer... e Drummond. Em *Tempo vida poesia* – transcrição de uma série de entrevistas que o poeta concedeu a Lya Cavalcanti na Rádio Ministério da Educação e Cultura em 1954 –, Drummond já enverga (tinha, quando muito, 52 anos) o paletó da velhice para repassar os anos de formação. Foi um tempo de intelectuais “mais velhos que o século”, diria o narrador de *Os Maias*, mas a questão vai além. O homem que se escondia atrás dos óculos e do bigode em *Alguma poesia* já se insinuava velho, e das armas deste – o velho escorreito, em sua humanidade universal – Drummond sempre cultivou a casmurrice, a reserva, a desconfiança; outros atributos do *gauche*, como a ironia brejeira e o gosto de espiar a vida alheia, têm delicados acentos reumáticos. Nove fora os antiácidos, a velhice é tempero humorístico à antiga receita baudelairiana e casa bem com as duas metades da arte: a de saber-se passageiro e ansiar o perene.

Interessa-nos, porém, o momento em que essa velhice se torna perspectiva e assunto de reflexão por si. Para além dos ressentimentos de *Claro enigma* e do ciclo de conversas mencionado, ela aparece naquela década de 1950 em títulos que remontam à herança itabirana (*Fazendeiro do ar*, de 1954) ou sugerem um acerto de contas com o próprio percurso (*A vida passada a limpo*, de 1959); essas coletâneas, porém, ainda ostentam palavras de combate, um tensionamento em face do mundo que coaduna com movimentos anteriores. A fronteira ultrapassada coincide com a entrada formal de Drummond na terceira idade, com a publicação, aos 66 anos, do primeiro volume de *Boitempo* (1968), em um movimento que não passou despercebido aos leitores do poeta. Leia-se a confissão e o testemunho de um dos mais refinados leitores de Drummond, Alcides Villaça (naquele maio, ainda um juvenzinho), diante da coletânea memorialística em que a idade dá as caras:

Minha reação imediata [...] marcou-se pelo sentimento de frustração de quem aguardava um novo movimento de uma grande sinfonia em processo e foi surpreendido com retalhos de música incidental. Nem tudo eram defeitos dos nossos ouvidos; de fato, os versos pareciam ter deixado longe o habitual registro dramático para se fixarem mais prosaicamente em cadências de crônica, atendendo, algo complacentes, à voz dos fatos do passado remoto do poeta, agora mais interessado em recuperá-los do que em lhes impor os desnorteios de alguma elegia densa, labiríntica e

especulativa. Em suma, não nos demos conta de que o novo registro poético pedia uma reafinação do ouvido.⁵

Vale a pena desenvolver essa ideia de afinação, pois a clave inaugurada em *Boitempo* se desenvolve por toda essa obra final de Drummond. “Cadências de crônicas”, “retalhos de música incidental” e “recuperação de fatos” são expressões apropriadas ao que o leitor encontra em *Amar se aprende amando*. Não que o poeta das “elegias densas” se ausente do volume. Com alguma serenidade no tanger das cordas, ele comparece, em especial, às duas primeiras seções. De “Carta de guia (?) de amantes”, convido o leitor aos versos de “Reconhecimento do amor” – vislumbrar da integração jubilosa dos que se veem tocados pela singeleza do amor (“Não queimava, não siderava; sorria”) e aceitam (impossível não a contrapor às antigas imperiosidades do ego individual) a *renúncia do eu* “à vacuidade de persistir, fixo e solar” – e às leves agudezas de “O amor antigo”:

Se em toda a parte o tempo desmorona
aquilo que foi grande e deslumbrante,
o antigo amor, porém, nunca fenece
e a cada dia surge mais amante.

As cordas líricas tensionam-se em outra modalidade do amor maduro: o amor aos amigos, assunto da seção intermediária “O convívio ideal”, em que o poeta se lança à celebração dos vivos e às saudades dos mortos. Abre-se aqui um álbum em que cada homenageado se destaca em atributo e qualidade maior: o “lírico segredo” do poeta Alphonsus de Guimaraens Filho; a “estranha felicidade da velhice” compartilhada com o jornalista, professor de literatura espanhola e, como Drummond, também diplomado farmacêutico José Carlos Lisboa; o “hino matinal à criação / e à continuação do mundo em esperança.”, que surge das crianças fotografadas por Alécio de Andrade; a inteligência e retidão do grande crítico Antonio Candido, que “[...] no dia brasileiro, / desdenha provar os frutos da árvore da opressão”. Aos amigos de longa data, como o memorialista Pedro Nava e o escritor e colega de modernismo mineiro Guilhermino César, o poeta se derrama nas mais doces e gloriosas memórias, para as quais o tempo é acidente, e o reflorescimento do que já não existe, possibilidade. No alentado “Reunião em dezembro”, a passagem do ano suscita a reflexão sobre os que partiram e enseja uma dimensão particular da experiência da velhice:

Repara: a teu aceno
as perdas deste ano se transformam
em nova relação interior.
Ganhamos o perdido. [...]

A atenuação do registro dramático está presente também em momentos em que o poeta parece brincar com o experimentalismo de antigos modos líricos e lúdicos, como em “Seis manequins”, perdido nos encantamentos publicitários de uma beleza antevista por Manuel Bandeira em sua “Balada das três mulheres do sabonete Araxá”, e também no poema “Lira do amor romântico (Ou a eterna repetição)”, em que a quadrinha tradicional do repertório infantil “Atirei um limão na água / De verdade foi ao fundo / Respondeu-me o rei dos peixes: / Viva Dom Pedro Segundo” enseja uma enfiada de motes amorosos de variada inspiração. O divertimento modernista é contíguo à recuperação da matéria cotidiana, que pode encontrar seus momentos austeros, como em “Epitalâmio (Para Márcia e Luís Hamilton)”, tradicional gênero de hino nupcial em que Drummond mais bem materializa as divisas do pórtico do volume – invocando musas gregas e latinas e “o som da força cósmica, movente / do sol e das estrelas, conhecida, / que o florentino pôs em nobre verso” para abordar as premências da realidade e “o contorno sensível da existência” de cada palavra e beijo, matéria ordinária com que se perfaz o aprendizado do amor – “Tende por certo: amar se aprende amando”.

O tom do volume, porém, é mais bem representado por “A lamentável história dos namorados”, fechamento da primeira seção, em que o mistério da tristeza dos namorados, de cenhos carregados, semblantes acometidos de “sombras, traços inquietantes”, distantes do “suave peso de instantes / que pareciam diamantes / nos volteios elegantes / dos jogos inebriantes / e nos beijos delirantes”, decifra-se em circunstância comezinha: uma “recessão de lascar”, “pacote singular / de rigidez tumular” que “desaba no patamar / da pretensão de casar”, impõe ao enlace espiritual as cadeias dos planos econômicos e das arbitrariedades e catástrofes da (má) administração pública. É na descida ao observatório político-econômico e à variedade das manchetes que a autonomia dos fundamentos poéticos se abre aos exercícios do entendimento da vida diária – assunto do cronista, com décadas de contribuições nos principais jornais do país –, como se Drummond, irônico, porém sem jamais perder a serenidade, experimentasse por fim expor ao público

os borrões e motivações mais contingentes das páginas de suas mais densas realizações poéticas.

É em “Alegrias e penas por aí”, seção que encerra o volume quase à maneira de um anuário, com poemas escritos entre 1968 e 1983, que os “retalhos de música incidental” e a “recuperação de fatos” revelam com mais força de detalhe aquela afinação que, em fins dos anos 1960, começa a despontar na lírica drummondiana. Ao abordar o que causava estranhamento no leitor de *Boitempo I*, Villaça parte da “coleção de cacos” que, em *Lição de coisas*, servem ao poeta de metáfora para a definição da matéria-prima de sua poesia memorialística. “O caco vem da terra como fruto / a me aguardar, segredo / que morta cozinheira ali depôs / para que um dia eu o desvendasse”:⁶ feita a devida transposição de tom, os “cacos da vida, colados”, que “formam uma estranha xícara” a espiar do aparador (no poema “Cerâmica”),⁷ tornam-se, em “Miniversos”, os *clippings* de agosto de 1968 que reúnem Brigitte Bardot, o advento da tevê a cores, o encalhe de uma baleia na praia do Leme, um assalto a um trem pagador na estrada de ferro Santos-Jundiaí, a guerra e a fome em Biafra, a pílula anticoncepcional e a encenação de *O Rei da Vela* no Rio. Já em reunião que a poesia transforma em *faits divers* colados à força de metro e rima – no poema “A semana foi assim”, de 1969 –, emenda-se a primeira visita humana à lua (“Que pretendem os homens: descobrir / um novo mundo, onde se possa rir? / brincar de amor? jogar de ser feliz?”) ao ceticismo de uma tia mineira e à pantomima de Jô Soares, aos salários de morte do professorado brasileiro e à perda de Booker Pittman, a uma exposição do pintor e desenhista Antônio Bandeira e (certas notícias não envelhecem) às agruras do torcedor vascaíno.

Destacam-se, nesse panorama, as preocupações de Drummond com a violência enquanto espetáculo noticioso, seja diante do assassinato da atriz norte-americana Sharon Tate (“[...] Matar é um ato / de prazer, como uma extensão do sexo, / um novo haxixe, um fascinante tóxico?”), seja diante do horror da guerra no Vietnã e das tímidas perspectivas de paz (“Que importa, se o que importa antes de tudo / é dar folga ao faminto, triste, mudo // civil colhendo a morte onde colhia / o arroz – numa lavoura de agonia.”); a febre cínica do rentismo na bolsa de valores em “A bolsa, o bolso”, e a febre alienante das liquidações nas lojas de departamento em “Liquidação de inverno” (“[...] Esquece, esquece / as liquidações que não liquidam / a carga de injustiça e desamor / pairante sobre a vida, / seja inverno ou verão, outono ou primavera.”). Em âmbito político nacional, vale a menção a “Conversa de amigos”, de 1977, diálogo em que se

debatem, entre esperança e desconfiança, os esforços de mediação do presidente do Senado Petrônio Portella, entre governistas e opositores do regime militar, em torno das reformas institucionais que, em setembro de 1978, revogariam os Atos Institucionais, e “A queda”, de janeiro de 1972, poema dedicado ao desabamento, no Rio de Janeiro, de 120 metros da obra do viaduto Engenheiro Freyssinet sobre a avenida Paulo de Frontin, em 20 de novembro de 1971. A queda do elevado (atribuída à passagem de uma betoneira com toneladas de concreto sobre trecho estruturalmente comprometido), em horário de grande movimento na região, matou 48 pessoas, deixou dezenas de feridos e mutilados e tornou-se comoção nacional, com cobertura *in loco* da maior emissora televisiva do país. O poema lança as questões de responsabilidade jamais respondidas pelas autoridades e traz sutilmente a nota de repressão do regime ao desenvolver o quadro de uma sociedade que, modernizando-se calada e de mãos atadas, limita-se a assistir em horário nobre (costume que, desde então, nunca mais se perdeu) “ao desabamento / de um monumento”, “colosso mutilado” a lançar luzes funestas à ufana grandeza do regime militar. O “fantasma” da queda do Paulo de Frontin (como se convencionou chamar o viaduto) atravessaria furtivo a década de 1970 para reaparecer e imortalizar-se nos primeiros versos de “O bêbado e a equilibrista”, hino da anistia política, escrito pela dupla João Bosco e Aldir Blanc: “Caía a tarde feito um viaduto...”⁸

Os “cacos” de que se fazem as peças de “Alegrias e penas por aí” não raro se revelam estilhaços de uma realidade que, antessala de nossas misérias, violências e ilusões de realização democrática, já era bem difícil de aturar. Se, em alguma medida, *Amar se aprende amando* deixa a sensação de uma apresentação pouco refletida e distanciada da variedade do mundo ao redor, talvez esta se deva menos a uma questão de exaustão do que à brutalidade e à desumanidade características do mundo pós-Segunda Guerra, mundo de guerra permanente em que, de fato, o uso da palavra esperança não difere do esforço extraordinário de não permitir que ela e, com ela, o estado de espírito que ela nomeia desapareçam por completo. O mesmo vale para a palavra amor. As primeiras décadas do século XXI, tão representativas do ódio, da perversidade e da indiferença cínica diante do próximo, em que mesmo as lutas mais justas nos fazem duvidar de alguma saída para o endurecimento que parecem exigir, deixam claro que não testemunharemos em futuro próximo qualquer manifestação de ventos e sentimentos de um boa-venturança universal. O tempo de partido e de homens partidos nunca se acabou. Pior: pulverizou-se, alcançando-nos em ambientes e

circunstâncias que tornaram a massificação e a dessubjetivação do humano (se ainda nos cabe o termo) uma monstruosidade indelével. Sob tal perspectiva, só resta ao amor (e a quem dele souber) o cultivo e o aprendizado no gesto miúdo e pelos dias que tivermos, sem utopias. É na forma desse gesto que reencontramos (e que se declare este o prêmio, não apenas à velhice, mas à vida) o velho, o jovem, o infante, o imenso Drummond.

BRUNO GAMBAROTTO

Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP

Notas

1 Campo de flores. In: *Claro enigma*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022. p. 54.

2 Remissão. In: *Claro enigma*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022. p. 17.

3 Tradução minha.

4 Nota da editora à 1ª edição. In: *Lição de coisas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965.

5 VILLAÇA, Alcides. *Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 113-114.

6 Coleção de cacos. In: *Boitempo I: menino antigo*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2023. p. 207-208.

7 Cerâmica. In: *Lição de coisas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965.

8 Sobre a cobertura do desabamento, cf. “Queda do Paulo de Frontin”, matéria publicada em *Memória Globo* com imagens do incidente e depoimento da jornalista Glória Maria. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/queda-do-paulo-de-frontin/noticia/queda-do-paulo-de-frontin.ghhtml>>. Acesso em: 18 jan. 2024.

**CRONOLOGIA
NA ÉPOCA DO LANÇAMENTO
(1982-1987)**

1982

CDA:

- Celebrados em todo o Brasil, os 80 anos do poeta são tema de exposições comemorativas na Biblioteca Nacional e na Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Recebe o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- A Editora José Olympio publica a edição anotada de *A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*.
- A Editora Universidade de Brasília publica *Carmina drummondiana*, poemas traduzidos para o latim por Silva Bélkior.
- O poema “Adeus a Sete Quedas”, publicado no *Jornal do Brasil*, inspira o curta-metragem *Quarup Sete Quedas*, do cineasta Frederico Füllgraf.
- Publicação da antologia bilíngue *Gedichte*, em Frankfurt, Alemanha, pela Editora Suhrkamp, com tradução e posfácio de Curt Meyer-Clason.

Literatura brasileira:

- Hilda Hilst publica a novela *A obscena senhora D*.
- Ana Cristina César publica o livro de poemas *A teus pés*.
- João Antônio publica seu livro de contos *Dedo-duro*.
- Fernando Sabino publica o romance *O menino no espelho*.
- Maria Julieta Drummond de Andrade, filha de CDA, publica o livro de crônicas *O valor da vida*.
- Sérgio Sant’Anna publica o livro de contos *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro*.

Vida nacional:

- O Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) começa a ser extinto.

– Na gradativa retomada da democracia, são realizadas as primeiras eleições diretas para governador, senador, prefeito, deputados federais e estaduais desde o golpe militar de 1964. No Rio de Janeiro, onde residia CDA, Leonel Brizola é eleito governador.

Mundo:

- Iniciada a guerra das Malvinas, entre Argentina e Inglaterra. Dois meses depois, os ingleses retomam a posse do arquipélago.
- Confirmado o primeiro caso de aids no Brasil, com o vírus transmitido por transfusão sanguínea.
- Realizado, nos Estados Unidos, o primeiro implante de um coração artificial.
- O CD (*compact disc*) é lançado em substituição ao disco LP (*long play*), de vinil.

1983

CDA:

- Publica, pela Editora Record, o livro infantil *O elefante*, com ilustrações de Regina Vater.
- Publica a antologia *Nova reunião: 19 livros de poesia*, pela Editora José Olympio e Instituto Nacional do Livro (INL).
- A filha Maria Julieta volta a morar no Rio de Janeiro e mantém sua coluna de crônicas no jornal *O Globo*, para o qual também faz entrevistas com personalidades brasileiras.
- Recusa o troféu Juca Pato, Prêmio Intelectual do Ano, da União Brasileira de Escritores (UBE), por achar que não escrevera nada de relevante neste ano.

Literatura brasileira:

- O poeta Chacal, pseudônimo de Ricardo de Carvalho Duarte, publica a antologia poética *Drops de abril*.
- Pedro Nava publica o sexto volume de suas memórias, *O círio perfeito*.
- Rubem Fonseca publica o romance *A grande arte*.
- Luiz Vilela publica o romance *Entre amigos*.

Vida nacional:

- Uma onda de saques e quebra-quebras no Rio de Janeiro e em São Paulo visa a desestabilizar os governos destes estados, democraticamente eleitos.
- Deflagrada a primeira greve geral reivindicando a abertura política.
- Fundação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), em São Paulo.
- Tem início, em Pernambuco, o movimento das Diretas Já, que mobilizaria o país inteiro.

Mundo:

- Argentina celebra a volta da democracia, com a eleição do presidente Raul Alfonsín.
- Iniciada em 1980, alastra-se a guerra entre Irã e Iraque, com mais de 500 mil mortos.

1984

CDA:

- É entrevistado pela filha Maria Julieta para o jornal *O Globo*.
- Após 42 anos publicando pela Editora José Olympio, assina contrato com a Editora Record.
- Com a crônica “Ciao”, publicada em 29 de setembro, despede-se dos leitores do *Jornal do Brasil*, após 64 anos de colaboração na imprensa.
- Publica os livros *Boca de luar* e *Corpo*, pela Editora Record.
- Falece, em 13 de maio, o amigo, escritor e médico Pedro Nava. No poema “Pedro (o múltiplo) Nava”, em *Viola de bolso*, lê-se: “Do nosso tempo fiel memorialista, / esse querido Nava, simplesmente, / é mistura de santo, sábio e artista.”
- Publicação de *Mata Atlântica*, livro de arte lançado pela Assessoria de Comunicação e Marketing (AC&M), em edição fora de comércio.
- Publicação, pela Editora Record, da coletânea *Quatro vozes*, com textos de Drummond, Rachel de Queiroz, Cecília Meireles e Manuel Bandeira.
- A *Revista do Arquivo Público Mineiro* publica *Crônicas de Carlos Drummond de Andrade sob pseudônimo: Antônio Crispim e Barba Azul*.
- Concede entrevista a Edmílson Caminha, para o jornal *Diário do Nordeste*, de Fortaleza.

- Colabora com Maria Lucia do Pazo na elaboração da tese de doutorado defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1992, sobre os versos eróticos do poeta.

Literatura brasileira:

- João Cabral de Melo Neto publica o longo poema narrativo *Auto do frade*.
- Hilda Hilst publica o livro *Poemas malditos, gozosos e devotos*.
- Nélida Piñon publica o romance *A república dos sonhos*, sobre suas raízes galegas.
- Adélia Prado publica o romance *Os componentes da banda*.
- Ledusha Spinardi publica *Finesse & fissura*, uma reunião de seus livros de poemas *Nocautes* e *Risco no disco*.
- Clarice Lispector publica o livro de crônicas *A descoberta do mundo*.
- Paulo Mendes Campos publica o livro de poesia e prosa *Trinca de copas*.
- João Ubaldo Ribeiro publica o romance *Viva o povo brasileiro*.

Vida nacional:

- Criação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em Cascavel (PR).
- Nasce, em Curitiba, o primeiro bebê de proveta da América Latina.

Mundo:

- China e Inglaterra selam acordo para a devolução de Hong Kong em 1997.

1985

CDA:

- Publica, pela Editora Record, *Amar se aprende amando*, *O observador no escritório*, páginas de diário, e o infantil, com ilustrações de Ziraldo, *História de dois amores*.
- Publica, pela Lithos Edições de Arte, *Amor, sinal estranho*, com litografias originais de Bianco.
- Publicação de *Pantanal*, livro de arte lançado pela Assessoria de Comunicação e Marketing (AC&M), em edição fora de comércio.

- Publicação, pela Universidade da Flórida, de *Quarenta historinhas e cinco poemas*, livro de leitura e exercícios para estudantes de português nos Estados Unidos.
- Publicação, em Lisboa, pela editora de *O Jornal*, do livro *60 anos de poesia*, uma antologia de sua obra organizada e apresentada por Arnaldo Saraiva.

Literatura brasileira:

- João Cabral de Melo Neto publica o livro de poemas *Agrestes*.
- Ana Cristina César publica o livro de poemas e pequenos textos em prosa *Inéditos e dispersos*.
- Fernando Sabino publica a reunião de novelas *A faca de dois gumes*.
- Maria Julieta Drummond de Andrade publica o livro *O diário de uma garota*.
- Rubem Fonseca publica o romance *Bufo & Spallanzani*.

Vida nacional:

- Morte de Tancredo Neves, primeiro presidente civil eleito após a ditadura militar, comove o País. O vice-presidente José Sarney toma posse.
- O Congresso Nacional aprova o direito de voto para os analfabetos e as eleições diretas para presidente da República.
- Criada a primeira Delegacia de Defesa da Mulher, em São Paulo.

Mundo:

- Reunião dos presidentes Mikhail Gorbachev e Ronald Reagan encaminha o fim da Guerra Fria entre URSS e Estados Unidos.
- Terremoto no México causa 20 mil mortes.
- Vulcão colombiano Nevado del Ruiz soterra a cidade de Armero e causa 21 mil mortes.
- Abolida a lei proibindo casamento entre brancos e negros na África do Sul.

1986

CDA:

- Publica *Tempo vida poesia: confissões no rádio* e reorganiza os três volumes de *Boitempo* (lançados originalmente em 1968, 1973 e 1979) nas edições *Boitempo I*

e II, pela Editora Record.

- Publicação da antologia *Travelling in the family*, em Nova York, pela editora Random House.
- Lançada, pela Edições Alumbamento, a fotobiografia *Bandeira, a vida inteira*, com 21 poemas inéditos de Drummond, em comemoração do centenário de Manuel Bandeira.
- Sofre um infarto e passa 12 dias internado em um hospital.

Literatura brasileira:

- Hilda Hilst publica o longo poema *Sobre a tua grande face* e a reunião *Com meus olhos de cão e outras novelas*.
- Chacal publica o livro de crônicas *Comício de tudo*.
- João Antônio publica seu livro de contos *Abraçado ao meu rancor*.
- Sérgio Sant’Anna publica a novela *Amazona*.
- Maria Julieta Drummond de Andrade publica o livro de crônicas *Gatos e pombos*.

Vida nacional:

- Reforma monetária corta três zeros do cruzeiro e cria nova moeda: o cruzado.
- Brasil e Cuba reatam relações diplomáticas.

Mundo:

- Grave acidente nuclear na usina de Chernobyl, na URSS, espalha radioatividade pelo continente europeu.
- França e Inglaterra decidem criar o Eurotúnel, sob o canal da Mancha, unindo os dois países.
- No dia 14 de junho, em Genebra, falece o escritor argentino Jorge Luis Borges.

1987

CDA:

- Escreve, em 31 de janeiro, o que viria a ser seu último poema: “Elegia a um tucano morto”, dedicado ao neto Pedro Augusto.

- A Estação Primeira de Mangueira homenageia Drummond com o samba-enredo “No reino das palavras”, e sagra-se campeã do carnaval carioca.
- Publicação de *Sentimento del mondo*, traduzido por Antonio Tabucchi e lançado pela editora italiana Guido Einaudi.
- Falece sua filha Maria Julieta, em 5 de agosto. “Assim termina a vida da pessoa que mais amei neste mundo. Fim.”, escreve o poeta no diário em que acompanhava a doença da filha.
- Doze dias após a morte da filha, falece no dia 17 de agosto, vitimado por insuficiência respiratória decorrente de um infarto.
- É enterrado no mesmo túmulo da filha, no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, onde também será sepultada, em 1994, sua esposa Dolores.

Literatura brasileira:

- João Cabral de Melo Neto publica o livro de poemas sobre a Espanha *Crime na calle Relator*.
- Lygia Fagundes Telles publica o livro *Venha ver o pôr do sol e outros contos*.
- Nélide Piñon publica o romance *A doce canção de Caetana*.
- Adélia Prado publica o livro de poemas *O pelicano*.

Vida nacional:

- Motim no presídio do Carandiru, em São Paulo, acaba em chacina com 31 mortos e 150 feridos.
- Instalação da 5ª Assembleia Nacional Constituinte, com eleição do deputado federal Ulysses Guimarães como presidente.
- O Partido dos Trabalhadores (PT) lança a primeira candidatura de Luís Inácio Lula da Silva a presidente da República.
- Decretada em 1982, a moratória da dívida externa chega ao fim, com o pagamento de 1,1 bilhão de dólares ao Fundo Monetário Internacional (FMI).

Mundo:

- Estudantes chineses ocupam a Praça da Paz Celestial, em Pequim, em protesto contra o governo, que os reprime violentamente.
- Governo do Chile promove abertura política, embora o general Augusto Pinochet se mantenha no poder até 1990.

**BIBLIOGRAFIA DE
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**

POESIA:

Alguma poesia. Belo Horizonte: Edições Pindorama, 1930.

Brejo das almas. Belo Horizonte: Os Amigos do Livro, 1934.

Sentimento do mundo. Rio de Janeiro: Pongetti, 1940.

Poesias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942. [*Alguma poesia, Brejo das almas, Sentimento do mundo, José.*]*

A rosa do povo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

Poesia até agora. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948. [*Alguma poesia, Brejo das almas, Sentimento do mundo, José, A rosa do povo, Novos poemas.*]

Claro enigma. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

Viola de bolso. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do MEC, 1952.

Fazendeiro do ar & Poesia até agora. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

Viola de bolso novamente encordoadas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

50 poemas escolhidos pelo autor. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do MEC, 1956.

Poemas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. [*Alguma poesia, Brejo das almas, Sentimento do mundo, José, A rosa do povo, Novos poemas, Claro enigma, Fazendeiro do ar e A vida passada a limpo.*]

Antologia poética. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962.

Lição de coisas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

José & outros. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. [*José, Novos poemas, Fazendeiro do ar, A vida passada a limpo, 4 poemas, Viola de bolso II.*]

Versiprosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

Boitempo & A falta que ama. [(In) *Memória – Boitempo I.*] Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

Reunião: 10 livros de poesia. Introdução de Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. [*Alguma poesia, Brejo das almas, Sentimento do mundo, José, A rosa do povo, Novos poemas, Claro enigma, Fazendeiro do ar, A vida passada a limpo, Lição de coisas e 4 poemas.*]

As impurezas do branco. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

Menino antigo (Boitempo II). Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1973.

Esquecer para lembrar (Boitempo III). Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

A paixão medida. Ilustrações de Emeric Marcier. Rio de Janeiro: Alumbramento, 1980.

Nova reunião: 19 livros de poesia. 2 vols. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1983.

O elefante. Ilustrações de Regina Vater. Rio de Janeiro: Record, 1983.

Corpo. Ilustrações de Carlos Leão. Rio de Janeiro: Record, 1984.

Amar se aprende amando. Capa de Anna Leticia. Rio de Janeiro: Record, 1985.

Boitempo I e II. Rio de Janeiro: Record, 1987.

Poesia errante: derrames líricos (e outros nem tanto, ou nada). Rio de Janeiro: Record, 1988.

O amor natural. Ilustrações de Milton Dacosta. Rio de Janeiro: Record, 1992.

Farewell. Vinhetas de Pedro Augusto Graña Drummond. Rio de Janeiro: Record, 1996.

Poesia completa: volume único. Fixação de texto e notas de Gilberto Mendonça Teles. Introdução de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

Declaração de amor, canção de namorados. Organização de Pedro Augusto Graña Drummond e Luis Mauricio Graña Drummond. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Versos de circunstância. Organização de Eucanaã Ferraz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2011.

Nova reunião: 23 livros de poesia. 3 vols. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013.

Viola de bolso: mais uma vez encordoadas. Rio de Janeiro: José Olympio, 2023.

CONTO:

O gerente. Rio de Janeiro: Horizonte, 1945.

Contos de aprendiz. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

70 historinhas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

Contos plausíveis. Ilustrações de Irene Peixoto e Márcia Cabral. Rio de Janeiro: José Olympio; Editora JB, 1981.

Histórias para o rei. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CRÔNICA:

Fala, amendoeira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

A bolsa & a vida. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962.

Para gostar de ler. Com Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962.

Quadrante. Com Cecília Meireles, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962.

Quadrante II. Com Cecília Meireles, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962.

Cadeira de balanço. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

Caminhos de João Brandão. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

O poder ultrajovem. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

De notícias & não notícias faz-se a crônica: histórias, diálogos, divagações. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

Os dias lindos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

Crônica das favelas cariocas. Rio de Janeiro: [edição particular], 1981.

Boca de luar. Rio de Janeiro: Record, 1984.

Crônicas 1930-1934. Crônicas de Drummond assinadas com os pseudônimos Antônio Crispim e Barba Azul. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, ano XXXV, 1984.

Moça deitada na grama. Rio de Janeiro: Record, 1987.

Autorretrato e outras crônicas. Seleção de Fernando Py. Rio de Janeiro: Record, 1989.

Quando é dia de futebol. Organização de Pedro Augusto Graña Drummond e Luis Mauricio Graña Drummond. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Receita de Ano Novo. Organização de Pedro Augusto Graña Drummond e Luis Mauricio Graña Drummond. Ilustrações de Mariana Massarani. Rio de Janeiro: Record, 2008.

OBRA REUNIDA:

Obra completa. Estudo crítico de Emanuel de Moraes, fortuna crítica, cronologia e bibliografia. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1964.

Poesia completa e prosa. Estudo crítico de Emanuel de Moraes, fortuna crítica, cronologia e bibliografia. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1973.

Poesia e prosa. Estudo crítico de Emanuel de Moraes, fortuna crítica, cronologia e bibliografia. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.

ENSAIO E CRÍTICA:

Confissões de Minas. Rio de Janeiro: Americ-Edit, 1944.

García Lorca e a cultura espanhola. Rio de Janeiro: Ateneu Garcia Lorca, 1946.

Passeios na ilha: divagações sobre a vida literária e outras matérias. Rio de Janeiro: Simões, 1952.

O observador no escritório. Rio de Janeiro: Record, 1985.

O avesso das coisas: aforismos. Ilustrações de Jimmy Scott. Rio de Janeiro: Record, 1987.

Conversa de livraria 1941 e 1948. Reunião de textos assinados sob os pseudônimos de O Observador Literário e Policarpo Quaresma, Neto. Porto Alegre: AGE; São Paulo: Giordano, 2000.

Amor nenhum dispensa uma gota de ácido: escritos de Carlos Drummond de Andrade sobre Machado de Assis. Organização de Hélio de Seixas Guimarães. São Paulo: Três Estrelas, 2019.

INFANTIL:

O pipoqueiro da esquina. Ilustrações de Ziraldo. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

História de dois amores. Ilustrações de Ziraldo. Rio de Janeiro: Record, 1985.

O sorvete e outras histórias. São Paulo: Ática, 1993.

A cor de cada um. Rio de Janeiro: Record, 1996.

A senha do mundo. Rio de Janeiro: Record, 1996.

Criança dagora é fogo. Rio de Janeiro: Record, 1996.

Vó caiu na piscina. Rio de Janeiro: Record, 1996.

Rick e a girafa. Ilustrações de Maria Eugênia. São Paulo: Ática, 2001.

Menino Drummond. Ilustrações de Angela Lago. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

O gato solteiro e outros bichos. Organização de Pedro Augusto Graña Drummond. Rio de Janeiro: Record, 2022.

Nota

* A presente bibliografia de Carlos Drummond de Andrade restringe-se às primeiras edições de seus livros, excetuando obras renomeadas. Nos casos em que os livros não tiveram primeira edição independente, os respectivos títulos aparecem entre colchetes, juntamente com os demais a compor a coletânea na qual vieram a público pela primeira vez. [*N. do E.*]

**BIBLIOGRAFIA SOBRE
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE (SELETA)**

- ACHCAR, Francisco. *A rosa do povo & Claro enigma*: roteiro de leitura. São Paulo: Ática, 1993.
- AGUILERA, Maria Veronica Silva Vilariño. *Carlos Drummond de Andrade*: a poética do cotidiano. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2002.
- AMZALAK, José Luiz. *De Minas ao mundo vasto mundo*: do provinciano ao universal na poética de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Navegar, 2003.
- ANDRADE, Carlos Drummond; SARAIVA, Arnaldo (orgs.). *Uma pedra no meio do caminho*: biografia de um poema. Apresentação de Arnaldo Saraiva. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1967.
- ARQUIVO-MUSEU DE LITERATURA BRASILEIRA. *Inventário do Arquivo Carlos Drummond de Andrade*. Apresentação de Eliane Vasconcelos. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1998.
- ARRIGUCCI JR., Davi. *Coração partido*: uma análise da poesia reflexiva de Drummond. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- BARBOSA, Rita de Cássia. *Poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Ática, 1987.
- BISCHOF, Betina. *Razão da recusa*: um estudo da poesia de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Nankin, 2005.
- BOSI, Alfredo. *Três leituras*: Machado, Drummond, Carpeaux. São Paulo: 34, 2017.
- BRASIL, Assis. *Carlos Drummond de Andrade*: ensaio. Rio de Janeiro: Livros do Mundo Inteiro, 1971.
- BRAYNER, Sônia (org.). *Carlos Drummond de Andrade*. Coleção Fortuna Crítica 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- CAMILO, Vagner. *Drummond*: da rosa do povo à rosa das trevas. São Paulo: Ateliê, 2001.
- CAMINHA, Edmílson (org.). *Drummond*: a lição do poeta. Teresina: Corisco, 2002.
- _____. *O poeta Carlos & outros Drummonds*. Brasília: Thesaurus, 2017.
- CAMPOS, Haroldo de. *A máquina do mundo repensada*. São Paulo: Ateliê, 2000.

- CAMPOS, Maria José. *Drummond e a memória do mundo*. Belo Horizonte: Anome Livros, 2010.
- CANÇADO, José Maria. *Os sapatos de Orfeu: biografia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Scritta, 1993.
- CARVALHO, Leda Maria Lage. *O afeto em Drummond: da família à humanidade*. Itabira: Dom Bosco, 2007.
- CHAVES, Rita. *Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Scipione, 1993.
- COÊLHO, Joaquim-Francisco. *Terra e família na poesia de Carlos Drummond de Andrade*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.
- CORREIA, Marlene de Castro. *Drummond: a magia lúcida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- COSTA, Francisca Alves Teles. *O constante diálogo na poesia de Carlos Drummond de Andrade*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1987.
- COUTO, Ozório. *A mesa de Carlos Drummond de Andrade*. Ilustrações de Yara Tupynambá. Belo Horizonte: ADI Edições, 2011.
- CRUZ, Domingos Gonzalez. *No meio do caminho tinha Itabira: a presença de Itabira na obra de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Achiamé; Calunga, 1980.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *O discurso indireto livre em Carlos Drummond de Andrade*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971.
- _____. *Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Moderna, 2006.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- DALL'ALBA, Eduardo. *Drummond: a construção do enigma*. Caxias do Sul: EDUCS, 1998.
- _____. *Noite e música na poesia de Carlos Drummond de Andrade*. Porto Alegre: AGE, 2003.
- DIAS, Márcio Roberto Soares. *Da cidade ao mundo: notas sobre o lirismo urbano de Carlos Drummond de Andrade*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2006.
- FERREIRA, Diva. *De Itabira... um poeta*. Itabira: Saitec Editoração, 2004.
- GALDINO, Márcio da Rocha. *O cinéfilo anarquista: Carlos Drummond de Andrade e o cinema*. Belo Horizonte: BDMG, 1991.
- GARCIA, Nice Seródio. *A criação lexical em Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Rio, 1977.

- GARCIA, Othon Moacyr. *Esfinge clara: palavra-puxa-palavra* em Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: São José, 1955.
- GLEDSON, John. *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*. Tradução do autor. São Paulo: Duas Cidades, 1982.
- _____. *Influências e impasses: Drummond e alguns contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Distribuição de papéis: Murilo Mendes escreve a Carlos Drummond de Andrade e a Lúcio Cardoso*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996.
- GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. *Pedro Nava, leitor de Drummond*. Campinas: Pontes, 2002.
- HOUAISS, Antonio. *Drummond mais seis poetas e um problema*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- INOJOSA, Joaquim. *Os Andrades e outros aspectos do Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- KINSELLA, John. *Diálogo de conflito: a poesia de Carlos Drummond de Andrade*. Natal: Editora da UFRN, 1995.
- LAUS, Lausimar. *O mistério do homem na obra de Drummond*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1978.
- LIMA, Mirella Vieira. *Confidência mineira: o amor na poesia de Carlos Drummond de Andrade*. Campinas: Pontes; São Paulo: EDUSP, 1995.
- LINHARES FILHO. *O amor e outros aspectos em Drummond*. Fortaleza: Editora UFC, 2002.
- LOPES, Carlos Herculano. *O vestido*. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- LUCAS, Fábio. *O poeta e a mídia: Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Senac, 2003.
- MAIA, Maria Auxiliadora. *Viagem ao mundo gauche de Drummond*. Salvador: Edição da autora, 1984.
- MALARD, Letícia. *No vasto mundo de Drummond*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- MARIA, Luzia de. *Drummond: um olhar amoroso*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1998.
- MARQUES, Ivan. *Cenas de um modernismo de província: Drummond e outros rapazes de Belo Horizonte*. São Paulo: 34, 2011.
- MARTINS, Hécio. *A rima na poesia de Carlos Drummond de Andrade*. Introdução de Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

- MARTINS, Maria Lúcia Milléo. *Duas artes: Carlos Drummond de Andrade e Elizabeth Bishop*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- MELO, Tarso de; STERZI, Eduardo. *7 x 2 (Drummond em retrato)*. Santo André: Alpharrabio, 2002.
- MERQUIOR, José Guilherme. *Verso universo em Drummond*. Tradução de Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- MICELI, Sergio. *Lira mensageira: Drummond e o grupo modernista mineiro*. São Paulo: Todavia, 2022.
- MONTEIRO, Salvador; KAZ, Leonel (orgs.). *Drummond frente e verso: fotobiografia de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Alumbamento; Livroarte, 1989.
- MORAES, Emanuel de. *Drummond rima Itabira mundo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- MORAES, Lygia Marina. *Conheça o escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Record, 1977.
- MORAES NETO, Geneton. *O dossiê Drummond*. São Paulo: Globo, 1994.
- MOTTA, Dilman Augusto. *A metalinguagem na poesia de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.
- NOGUEIRA, Lucila. *Ideologia e forma literária em Carlos Drummond de Andrade*. Recife: Fundarpe, 1990.
- PY, Fernando. *Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade (1918-1930)*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1980.
- ROSA, Sérgio Ribeiro. *Pedra engastada no tempo: ao quinquentenário do poema de Carlos Drummond de Andrade*. Porto Alegre: Cultura Contemporânea, 1978.
- SAID, Roberto. *A angústia da ação: poesia e política em Drummond*. Curitiba: Editora UFPR; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Drummond, o gauche no tempo*. Rio de Janeiro: Lia Editor; Instituto Nacional do Livro, 1972.
- SANTIAGO, Silviano. *Carlos Drummond de Andrade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SANTOS, Vivaldo Andrade dos. *O trem do corpo: estudo da poesia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Nankin, 2006.
- SCHÜLER, Donaldo. *A dramaticidade na poesia de Drummond*. Porto Alegre: URGs, 1979.
- SILVA, Sidimar. *A poeticidade na crônica de Drummond*. Goiânia: Kelps, 2007.
- SIMON, Iumna Maria. *Drummond: uma poética do risco*. São Paulo: Ática, 1978.

- SÜSSEKIND, Flora. *Cabral – Bandeira – Drummond*: alguma correspondência. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996.
- SZKLO, Gilda Salem. *As flores do mal nos jardins de Itabira*: Baudelaire e Drummond. Rio de Janeiro: Agir, 1995.
- TALARICO, Fernando Braga Franco. *História e poesia em Drummond*: A rosa do povo. Bauru: EDUSC, 2011.
- TEIXEIRA, Jerônimo. *Drummond*. São Paulo: Abril, 2003.
- _____. *Drummond cordial*. São Paulo: Nankin, 2005.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Drummond*: a estilística da repetição. Prefácio de Othon Moacyr Garcia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- VASCONCELLOS, Eliane. *O Arquivo-Museu de Literatura Brasileira*: um sonho drummondiano. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002.
- VIANA, Carlos Augusto. *Drummond*: a insone arquitetura. Fortaleza: Editora UFC, 2003.
- VIEIRA, Regina Souza. *Boitempo*: autobiografia e memória em Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Presença, 1992.
- VILLAÇA, Alcides. *Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- WALTY, Ivete Lara Camargos; CURY, Maria Zilda Ferreira (orgs.). *Drummond*: poesia e experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- WISNIK, José Miguel. *Maquinação do mundo*: Drummond e a mineração. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- YUNES, Eliana; BINGEMER, Maria Clara L. (orgs.). *Murilo, Cecília e Drummond*: 100 anos com Deus na poesia brasileira. São Paulo: Loyola, 2004.

ÍNDICE DE PRIMEIROS VERSOS

“À Bolsa!” é o novo grito. A Bolsa
A casa de Helena é a casa de daqui a 20 anos
A Escola de Samba Unidos da Floresta
A gente passa, a gente olha, a gente para
A kiss, un baiser, un bacio
A paz tenta pousar no Vietname
A pessoa, o lugar, o objeto
A poluição faz rios coloridos
A Praça da Estação em Belo Horizonte
A semana? Passou que nem corisco
A voz lhe disse (uma secreta voz)
Ai dos macacos, ai dos macacos
Alberto pequeno coxo
Alceu e Tristão: o nome
Além da Terra, além do Céu
Amiga, como são desnorteantes
Amigo lixeiro, mais paciência
Antônio Cândido ou
Atirei um limão n’água
Cariocas
Caro Luís inspetor federal de colégios
Cultivando o prazer de andar a pé
Dezembro, e dói (ou não?) um pouco
E lá se foi aquela extraordinária
— E vem um novo inverno todo em vês
Eis que o tempo chegou de celebrar Ana Cecília
Embora eu seja adulto
Era bom traduzir os sonetos de Herédia
Esse mocinho Nava, tão levado
Esta dúvida mordente
Eu quisera ver o mundo

Fazer 70 anos não é simples
Foi-se a Copa? Não faz mal
Francisco Biquiba La Fuente Guarany
Janeiro:
Lá se vai Alceu, voltado para o futuro
Larga, poeta, a mesa de escritório
Manhã de domingo. Odylo nos deixa
— Meu capitão, alvíssaras! O AI-5
Muitas promessas não foram cumpridas nos últimos doze meses
Musas latinas, musas gregas, musas
Na violeta do entardecer
Namorados, namorados
Não quero saber de IPM, quero saber de IP
Naquele maio
Ninguém pergunta mais
O amor antigo vive de si mesmo
O amor determina hoje que se casem
O combate da luz
O correio de amigos é doçura
O errante colar de lembranças e metáforas
O mundo é grande e cabe
O poeta é notoriamente Prior do Desgosto
Ó que lance extraordinário
O ser busca o outro ser, e ao conhecê-lo
O tempo passa? Não passa
Olha o ajuntamento na calçada
Pálida Joaninha
Por que caiu o elevado?
Que venha o censo de 70
Segunda-feira a gente ficou presa
Simone de Beauvoir, tua lição
Tudo tem limite
Ully, Ully, *lullaby*
Um dia – faz muito, muito tempo –
Um dia convoco Cyro dos Anjos e planejo com ele um sequestro
Úni dúni têni

Vou à festa de Ziraldo

Carlton Drummond de la Haye

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Amar se aprende amando

Site oficial do autor:

<https://www.carlosdrummond.com.br/>

Página do livro no Skoob:

<https://www.skoob.com.br/amar-se-aprende-amando-3763ed122421701.html>

Página do autor no Skoob:

<https://www.skoob.com.br/autor/113-carlos-drummond-de-andrade>

Página do autor no Goodreads:

https://www.goodreads.com/author/show/311800.Carlos_Drummond_de_Andrade